



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL –
PROFSOCIO

VANDERLÚCIA GOMES DE SOUSA

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA COMO METODOLOGIA ATIVA NA
CONSTRUÇÃO DE DEBATES SOCIOLÓGICOS NO ENSINO MÉDIO

SOBRAL-CE

2020

VANDERLÚCIA GOMES DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA COMO METODOLOGIA ATIVA NA
CONSTRUÇÃO DE DEBATES SOCIOLÓGICOS NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho na modalidade de Intervenção Pedagógica submetido ao Mestrado Profissional de Sociologia em rede Nacional da Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito para a obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Área de Concentração: Ensino de Sociologia.

Orientadora: Prof. Dra. Diocleide Lima Ferreira.

SOBRAL-CE

2020

VANDERLÚCIA GOMES DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA COMO METODOLOGIA ATIVA NA
CONSTRUÇÃO DE DEBATES SOCIOLÓGICOS NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho submetido ao Mestrado Profissional de Sociologia em rede Nacional da Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito para a obtenção do título de Mestra em Sociologia.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Diocleide Lima Ferreira (orientadora)
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Prof. Dra. Glauciana Alves Teles (Examinadora)
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Prof. Dr. Nilson Almino de Freitas (Examinador)
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jesus Cristo por me permitir conhecer as Ciências Sociais e ainda fazer Mestrado em Sociologia: “A gratidão [...] vibra em meu ser, pois tudo devo a Ti”.

Aos meus pais pelo apoio e incentivo, principalmente minha mãe Luciana que sempre me incentivou a estudar. Aos meus irmãos Vanderlice, Vanuza e Alan por serem os irmãos mais incríveis do mundo.

À minha orientadora, professora Diocleide, pelo apoio e paciência na construção deste trabalho. Aos meus companheiros de Mestrado com quem aprendi muito, com trocas de experiências em sala, em especial a Ana Carmen, por todo apoio, e Inês, pessoa maravilhosa que contribuiu também com este trabalho. Aos meus colegas professores do Liceu de Tianguá, em especial Vera Lúcia, Nildemar, Poliana, Axel, Paola, Genys. A Maria do Prazeres pela correção do texto .

Às minhas eternas colegas e amigas do PIBID, em especial a Auciele e Verônica que também acompanharam esta trajetória.

E aos alunos, de forma mais que especial, os quais contribuíram com a construção desta intervenção pedagógica: Felipe Augusto, Lucas Paulo, Jaqueline, Loiane, Santiago, Elvis, Josué, Sâmia, Emanuelle, Lucas, Miqueias e Walesca. Vocês foram de fundamental importância para o desenvolvimento de novas técnicas de ensino, gratidão!

RESUMO

O presente trabalho descreve uma intervenção pedagógica realizada na Escola José Ni Moreira, localizada na cidade de Tianguá. O objetivo geral deste trabalho foi evidenciar a eficácia da produção de pesquisa sociológica a partir de uma intervenção pedagógica com o método chamado de Aprendizagem Baseada em Debate Sociológico (ABDS), proporcionando uma produção coletiva de conhecimentos entre educandos e professores, enquanto os objetivos específicos visam expor a importância da pesquisa na construção da Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos (ABDS) através da intervenção pedagógica com os alunos. Em seguida, identificar o debate sociológico como uma metodologia ativa e a pesquisa como componente pedagógico nas aulas de sociologia. A problemática que justifica esta intervenção é a necessidade do uso da pesquisa como componente pedagógico nas aulas de sociologia; quanto à metodologia, este trabalho pautou-se sobretudo com a abordagem qualitativa em que foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas, conversas informais, assim como áudio pelo *WhatsApp*, o que resultou numa intervenção pedagógica. Os resultados da intervenção foram satisfatórios, pois alunos iniciaram seus primeiros passos na produção de científica.

PALAVRAS- CHAVE: Pesquisa. Ensino. Sociologia. Debate. Metodologia Ativa.

ABSTRACT

The present work describes a pedagogical intervention carried out at Escola José Ni Moreira, located in the city of Tianguá. The general objective of this work was to demonstrate the effectiveness of the production of sociological research from a pedagogical intervention with the method called Learning Based on Sociological Debate (ABDS), providing a collective production of knowledge between students and teachers, while the specific objectives aim expose the importance of research in the construction of Learning Based on Sociological Debates (ABDS) through pedagogical intervention with students. Then, identify the sociological debate as an active methodology and research as a pedagogical component in sociology classes. The problem that justifies this intervention is the need to use research as a pedagogical component in sociology classes; as for the methodology, this work was mainly based on the qualitative approach in which semi-structured interviews, informal conversations, as well as audio via WhatsApp were used, which resulted in a pedagogical intervention. The results of the intervention were satisfactory, as students began their first steps in the production of scientific.

KEYWORDS: Research. Teaching. Sociology. Debate. Active Methodology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – 1ª etapa e suas dimensões na etapa intra-sala.....	17
Quadro 2 – Descrição sobre cada Etapa da Aprendizagem baseada em debates sociológicos.....	18
Quadro 3 – 3ª etapa – auditório (final).....	18
Quadro 4 – 3ª etapa – auditório (final 2).....	19
Quadro 5 – Ficha de avaliação	34
Quadro 6 – Ficha de avaliação sobre a Mulher negra no Brasil.....	40
Quadro 7 – Ficha de avaliação de avaliação sobre a trajetória do negro no Brasil.....	41
Quadro 8 – Metodologias ativas.....	51
Quadro 9 – Termos da ABP.....	53
Quadro 10 – Semelhanças/diferenças dos métodos ABP e ABDS	55

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alunos do segundo ano segurando alguns cartazes usados no momento do debate.....	24
Figura 2 – Alunos Felipe e Lucas no debate.....	34
Figura 3 – Apresentação da logomarca sobre a mulher negra no Brasil contemporâneo.....	37
Figura 4– Logomarca com tema <i>A trajetória do negro no Brasil e sua luta por liberdade</i>	38
Figura 5 – Elvis discorrendo sobre a trajetória do negro no Brasil.....	44
Figura 6 – Ana Luísa e Loiane expondo seus argumentos.....	44
Figura 7 – Encenação da música <i>Não precisa ser Amélia</i>	44
Figura 8 – Apresentação cultural da segunda dupla	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDS – Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos

ABP – Aprendizagem Baseada em Projetos

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

CEE – Conselhos Estaduais de Educação

E.V.A. – Etil Vinil Acetado

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

OCN – Orientações Nacionais Curriculares

OCNEM – Orientação Curricular Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	UMA INTERVENÇÃO COM USO DE DEBATES COMO UMA METODOLOGIA ATIVA	20
2.1	Descrição da criação e construção do método de Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos: ABDS	20
2.2	O método de Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos	21
2.3	Construção da intervenção Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos	23
2.3.1	<i>A 1ª etapa e suas dimensões: etapa intra-sala</i>	<i>23</i>
2.4	<i>Segunda etapa do debate: fora sala de aula.....</i>	<i>28</i>
2.5	<i>Terceira etapa do debate sociológico</i>	<i>36</i>
3	AS METODOLOGIAS ATIVAS NA SOCIOLOGIA	49
3.1	Relação entre o debate sociológico e a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP)	52
3.2	Semelhanças entre o ABP e o ABDS	54
3.3	A pesquisa como metodologia ativa nas aulas de sociologia no ensino médio	56
3.4	A pesquisa no livro didático <i>Sociologia em movimento</i>	62
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa caracteriza-se como uma Intervenção Pedagógica a fim de compor um trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Sociologia. Objetiva-se com esta intervenção tornar a pesquisa no Ensino Médio uma metodologia ativa para a produção de debates sociológicos pelos educandos, oportunizando a criação e aplicação de um método de ensino que recebe a denominação de Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos - ABDS. Não obstante, através da pesquisa como metodologia ativa, surgiram as produções de Debates nas aulas de Sociologia as quais foram realizadas na Escola José Ni Moreira, localizada na cidade de Tianguá, no Estado do Ceará, no íterim que compreende os anos de 2018 a 2019.

Durante todo o processo de intervenção, estabeleceram-se diálogos entre as teorias sociológicas e pedagógicas para tornar possível a realização da mesma ao passo que foi possível proporcionar um olhar dos sujeitos envolvidos sobre a importância da pesquisa ativa no ensino de sociologia em prol da “[...] desnaturalização das concepções e explicações dos fenômenos sociais” [...] (BRASIL, p.105).

O objeto de estudo da intervenção concentra-se sobre a pesquisa como metodologia ativa no ensino básico como o principal instrumento de promoção de um método de ensino-aprendizagem para as aulas de Sociologia, cognominado a *priori* de Aprendizagem Baseado em Debates Sociológicos.

Quanto à organização do trabalho, tem-se a divisão em dois capítulos. No primeiro capítulo, há a descrição da criação e construção do método de Aprendizagem Baseada em Debates sociológicos, o ABDS, que conclui o presente trabalho. No segundo capítulo, foram apresentadas as metodologias ativas para justificar a utilização da pesquisa como um componente pedagógico nos debates, assim como a presença dela nas aulas de sociologia.

Os sujeitos envolvidos em todo o processo da construção de conhecimentos durante a intervenção foram os estudantes e os professores. A pesquisa, como um método, entra como o instrumento de aproximação de ambos os sujeitos, os quais foram expostos a estranhamentos em meio social (BRASIL, 2006), o que possibilita um olhar para os fenômenos sociais a sua volta não como um fato corriqueiro, comum, natural e trivial, mas com um olhar sociológico para o meio no qual estão

inseridos. Todavia, deve-se considerar que a pesquisa tem a possibilidade de se tornar ativa quando os fenômenos são problematizados.

Em vista disso, surge a importância de se utilizar o debate sociológico, método criado para evidenciar a eficácia ou não das pesquisas elaboradas pelos discentes, expostas por meio dos debates produzidos por eles mesmos. Nesses debates, existe a possibilidade de indagar o problema, desnaturalizando aspectos nunca pensados ou imaginados pelos educandos até então, situação que vai ao encontro do papel do professor à medida que ele se põe como mediador e avaliador de todo o processo.

Em meio a essa contextualização ora exposta, indagou-se: A pesquisa como metodologia ativa na construção do Debate Sociológico proporcionou um resultado satisfatório na produção de conhecimento sociológico? Por conseguinte, faço o tracejado do tema cujo objetivo geral foi evidenciar a eficácia da produção de pesquisa sociológica a partir de uma intervenção pedagógica com o método de Aprendizagem Baseada em Debate Sociológico (ABDS).

Já os objetivos específicos almejados foram: expor a importância da pesquisa na construção da Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos (ABDS) através da intervenção pedagógica com os alunos. Em seguida, identificar o debate sociológico como uma metodologia ativa, assim como a pesquisa o nas aulas de sociologia.

A hipótese, tomada como ponto de partida, é a de que a pesquisa como instrumento no ensino médio precisa de elemento agregador capaz de fomentar o interesse dos alunos em produzir conhecimento. Deste modo, agrego o debate sociológico no intuito de possibilitar uma dinâmica nas etapas propostas pelo professor mediador, compreendendo o aluno não como passivo, mas ativo, uma vez que o trabalho em grupo proporciona uma troca de conhecimentos, experiências e, por último, a exposição das análises por meio dos discursos construídos por eles.

Destarte, a escolha pelo tema deu-se pela necessidade da realização de mais pesquisas produzidas pelos discentes na educação básica, tendo em vista o despertar para o pensamento crítico do aluno. Quando isso não ocorre, os estudantes, que serão futuros universitários, chegarão à Universidades sem a mais remota noção de produção de pesquisa científica. Relato isto pela imensa dificuldade que tive ao adentrar no meio acadêmico visto que durante todo o meu

Ensino Médio não me recorro em nenhum momento de algum professor ter realizado um trabalho de caráter científico.

Desse modo, os trabalhos de pesquisas que me vêm à memória eram construídos e repassados aos alunos apenas como indicação de ida à biblioteca para fazer algumas pesquisas com temas determinados pelo próprio professor. Então, todos recorriam a pesquisas na biblioteca e apenas copiavam o que estava no livro e colocavam o nome no cabeçalho para identificação, no entanto, hoje entendo que isto configura-se como plágio, embora à época fosse a forma que aprendíamos sobre o que era uma ‘pesquisa’.

Perante esta realidade que, infelizmente, ainda se repete, são necessários esforços para se produzir através da pesquisa na escola. Não é fácil, a área educacional lida com sérios problemas das mais diversas dimensões, tais como a desvalorização do professor e má formação nas licenciaturas, das quais muitos não saem sequer preparados para serem professores-pesquisadores, além de fatores como a evasão, repetência, violência, desinteresse, dentre outros. É preciso um enfrentamento por meio de novas posturas pedagógicas para contornar uma realidade de desafios presentes no cotidiano de muitas escolas brasileiras em cuja realidade encontra-se também o Liceu, onde construí minha trajetória enquanto docente e onde leciono a disciplina de Sociologia.

No Liceu, iniciei como professora temporária em fevereiro de 2017, lecionando em 19 turmas de primeiros, segundos e terceiros anos do ensino médio – atualmente, leciono em 18 turmas. Quando comecei na atividade docente, estava concluindo o curso de Ciências Sociais, Licenciatura, na Universidade Estadual Vale do Acaraú. Não senti tanta dificuldade em assumir a responsabilidade da sala de aula graças a minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – o PIBID - entre os anos de 2012 a 2016, na escola Ministro Jarbas Passarinho, localizada na cidade de Sobral, que contribuiu sobremaneira na minha inserção em sala de aula.

Essa experiência deu-me mais segurança ao assumir uma sala de aula, mesmo percebendo que era bem diferente o meu papel, pois como regente da disciplina, eu ministraria toda a aula, o que exige domínio de sala, uma boa didática e organização quanto ao tempo e atividades planejadas, dentre outros requisitos exigidos do professor. Então, as novas metodologias que utilizei em sala, ideias

diferenciadas se fizeram pela minha participação neste Programa cuja supervisora era sempre muito ativa, assim como um grupo de bolsistas muito comprometidos. Dessa maneira, era possível trabalhar diversas temáticas em sala. Recordo-me, de utilizarmos o teatro, a música, o jornal, Sociologia no Enem, trabalhar a interdisciplinaridade entre Literatura e Sociologia, dentre outros recursos.

Ao iniciar minha atuação como professora em sala de aula percebia que toda a dinâmica da turma conduzia-me ao enquadramento no tipo de aula tradicional que exige do professor um papel de único detentor de conhecimento, enquanto os alunos assistem à aula, porém há um problema: boa parte dos alunos fica dispersa, alguns ouvindo música ou conversando e o professor como um mero transmissor de conhecimento.

Ao observar os discentes, muitas vezes, a ideia de copiar da lousa os concentra muito mais do que aulas expositivas. Diante deste fato, comecei a introduzir perguntas na aula expositiva sobre o assunto do capítulo de forma contextualizada, estabelecendo uma dinâmica de troca de informações deles para comigo. A partir de então, senti-me na obrigação de inovar, levar para os alunos a imagem da Sociologia como uma disciplina importante, de desenvolver e trabalhar técnicas diversas, dentre elas o teatro, documentário, fotografia, mesa redonda, *fanzine*, a produção de artigo científico e a construção de debate sociológico.

A ideia de utilizar o debate nas aulas de sociologia surgiu quando eu assisti ao filme “o Grande Desafio”, o qual conta a história do professor Melvin Thompson, interpretado pelo ator Denzel Washington; ele aposta num grupo de alunos para formar uma equipe de debate. Dessa maneira, ele coloca a pequena Wiley College do Texas na competição com grandes Universidades renomadas, porém seu objetivo maior foi debater com Harvard. Partindo dessa ideia inicial, utilizei o debate como método de ensino aprendizagem, dando ênfase ao uso da pesquisa.

Diante dessas experiências, foram surgindo indagações a respeito de poucos investimentos em produção de pesquisa na escola e o quanto ela é necessária, pois para quase todas as estratégias de ensino ela se faz presente. Assim, considero a pesquisa como uma metodologia de ensino, tema pertinente porquanto se expõe a pesquisa como a espinha dorsal da aprendizagem ativa. Não é à toa que os documentos normativos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL,

1996), as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCNEM, 2006) e Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN, 2013) apresentam-na em suas respectivas diretrizes.

Outro aspecto que contribui com a relevância desta pesquisa deve-se a uma matéria jornalística divulgada em 2016 pelo *Jornal Nacional*, que divulgava o resultado do Brasil no Exame do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) informando as colocações dos entrevistados sobre as diferenças citadas no ensino do Brasil, apontando a necessidade de desenvolvimento de uma pedagogia baseada na arguição de fatos. Os estudantes brasileiros que participaram do PISA, em 2015, mostraram mais facilidade para interpretar dados e evidências científicas e mais dificuldade para avaliar e planejar experimentos científicos.

O referencial teórico desta pesquisa baseia-se em autores que apresentam a pesquisa como uma importante estratégia de ensino nas salas de aula ao longo da educação básica. Assim, autores como Bagno (2014), Demo (2009), Freire (2009), Holanda (2015), Mattar (2017) e outros reconhecem a pesquisa como uma estratégia de ensino em que o aluno terá a oportunidade de ser protagonista do seu próprio aprendizado. Portanto, isso acontece quando o perguntar entra em cena com o pesquisar.

A fim de evidenciar a constatação da hipótese, aproprio-me da utilização da pesquisa do tipo *intervenção pedagógica*, por investigar o meio escolar através de um planejamento inovador para o processo de ensino-aprendizagem dos envolvidos, finalizando com uma avaliação sobre o método utilizado. A intervenção objetiva a melhoria nos processos que acontecem na escola, constituindo-se um tipo de pesquisa aplicada cuja função é contribuir para sanar problemas práticos (DAMIANI *et al*, 2013). Este tipo de pesquisa propõe-se a sair do mundo teórico e invadir o mundo real. Segundo Damiani *et al* (2013, p.58), “é por meio da pesquisa aplicada que a produção acadêmica pode produzir o desejado impacto na prática”. Esse tipo de pesquisa tem caráter científico, com uma abordagem qualitativa.

De acordo com Ludke e André (2018), as abordagens qualitativas envolvem a obtenção de dados descritivos do contato direto entre pesquisador e o objeto então estudado. Essas descrições podem ser do cotidiano da escola, na qual diversos fenômenos podem surgir. Assim, todo o material da pesquisa é “rico em descrições de pessoas [...]” (LUDKE; ANDRÉ, 2018, p.13), também dos fatos e contextos vivenciados pelo pesquisador.

Conforme Minayo *et al* (2016), a pesquisa qualitativa possui um ciclo que contem três etapas: a exploratória, que se resume basicamente como a preparação do projeto de pesquisa e o planejamento para entrada em campo, a fase de entrada no campo em que ocorrerá um diálogo entre a fundamentação teórica e o material produzido em campo e, a última etapa, em que incide o tratamento e análise do material que pode se resumir em ordenação e classificação dos dados e sua análise.

Aproprio-me também da técnica de entrevista a qual foi realizada com 10 alunos e 5 professores ao longo da pesquisa que, conforme Ludke e André (2018, p.38), “[...] é uma técnica de trabalho usada em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais”. Portanto, escolhi usar a entrevista semiestruturada, que acontece a partir da elaboração de um roteiro de perguntas feitas pelo pesquisador, “porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LUDKE; ANDRÉ, 2018, p.13).

Ao longo do processo de realização do roteiro, cheguei a pensar que não iria mudar ou acrescentar nenhuma pergunta, entretanto equivoquei-me quanto a esta suposição. Por isso, é importante ficar atento ao momento da entrevista e não perder nenhuma informação. Esse momento seria chamado por Thiolent (1980) de “atenção flutuante”. Além da entrevista, também fiz uso dos procedimentos bibliográficos e documentais.

As entrevistas foram realizadas com 10 alunos que participaram da intervenção. A princípio, tinha a pretensão de desenvolver o trabalho com discentes do segundo ano, porém, nas apresentações culturais inseridas no Debate houve o aumento de participantes. Isso fez com que mais alunos participassem, e incluí estudantes da 1ª e 3ª séries também. A proposta, portanto, mobilizou alunos de todas as séries. No processo de entrevista, tive que aderir ao uso do *WhatsApp* para finalizá-las com os alunos durante o isolamento social ao qual fomos submetidos e isto trouxe um retorno muito bom, pois eles se mostraram atentos às perguntas realizadas.

As idades dos participantes variam entre 16 e 17 anos. Eles permitiram o uso de suas fotografias, assim como seus respectivos nomes. Quanto à identificação dos docentes entrevistados foi permitida também. A ressalva se faz necessária para os debatedores visto que são todos do segundo ano, algo que estipulei nas regras para a participação do Debate. Essa foi uma informação bem relevante, pois os

estudantes do primeiro ano se empolgavam em participar ao chegar ao segundo ano.

Quando apresentei a proposta para a gestão, com o intuito de incentivar a pesquisa na escola e, por consequência, estimular a escrita e leitura dos educandos, inicialmente houve uma boa aceitação por parte da Coordenação e professores, inclusive acrescentaram no calendário da escola o Debate Sociológico. Outro ponto importante é a realização de entrevistas com moradores do bairro e funcionários da instituição; entrevistei três residentes mais antigos do local e que presenciaram a vinda da instituição escolar para o bairro.

Mediante a metodologia exposta, propus-me a delinear as etapas da intervenção com alunos do ensino médio, especificamente de segundos anos; eles seguiram os trilhos epistemológicos, divididos por etapas, conforme demonstração nos quadros a seguir:

Quadro 1: 1ª etapa e suas dimensões na etapa intra-sala

Desenvolvimento das ações	Objetivo da etapa	Cronograma	Avaliação
• Propostas dos temas para as turmas; • Formação de “mini” sociedades em cada sala; • Sorteios dos temas e das sociedades de defesa e oposição; • Escolha de um líder para cada sociedade; • Escolha das fontes de pesquisa; • Orientação das pesquisas, com sugestões de sites, documentários, entrevistas, bem como canais no <i>YouTtube</i>;	• Cada sociedade tinha de expor toda sua pesquisa sobre o assunto. A sociedade de defesa iniciava e logo após a sociedade de oposição contra-argumentava em um tempo de 5 minutos; • Realizar três perguntas. Desse modo, alternadas entre as duplas, num tempo de dois minutos. As respostas seriam respondidas em três minutos. Enquanto a réplica, dois minutos e por fim, a tréplica em um minuto;	• Período de preparação: período de 20 dias, com momentos em sala nas aulas de Sociologia e também extra-sala, para o planejamento de cada sociedade.	• Avaliação individual e coletiva feita pelo professor da disciplina.

Quadro 2: Descrição sobre cada Etapa da Aprendizagem baseada em debates sociológicos

Desenvolvimento das ações	Objetivo da etapa	Cronograma	Avaliação
- Escolha dos dois representantes dentre os alunos por sala para debaterem; - Divulgação do mesmo tema para todos; - Sorteio dos temas para as duplas de defesa e de oposição; - Realização do debate sempre com duas turmas: uma para defesa e a outra de oposição; - Participação de outros professores para a liberação dos alunos participantes.	- Cada dupla tinha cinco minutos para expor toda sua pesquisa sobre o assunto. A dupla de defesa iniciava, logo após a sociedade de oposição contra-argumentava; - Segundo passo: cada dupla tinha direito de realizar três perguntas. Desse modo, as perguntas eram alternadas entre as duplas, num tempo de dois minutos. As respostas seriam respondidas em três minutos. Enquanto a réplica, dois minutos e, por fim, a tréplica em um minuto.	Tempo de preparo: um mês.	- Realizada pelos professores convidados. - Avaliação de caráter individual e coletivo; - Avaliação das duplas pelos professores convidados de outras disciplinas, os quais recebem uma ficha com todos os requisitos que precisam ser avaliados durante o debate; - As duplas que ficaram com as duas maiores pontuações iriam para final.

Quadro 3: 3ª etapa – auditório (final)

Desenvolvimento das ações	Objetivo da etapa	Cronograma	Avaliação
- As duas duplas finalistas formam uma sociedade maior com outros alunos porque acontece o momento cultural e Artístico durante o debate; - Entrega do tema para as respectivas duplas posterior ao sorteio da dupla que ficará com a defesa do tema e da oposição;	- Debate¹ com as duas duplas finalistas: - Cada dupla formava sua sociedade, podendo participar delas outros alunos. Era preciso isto, pois havia outro momento durante o debate além da exposição da pesquisa feita por cada dupla, como a construção da logo e a encenação de uma música sobre o tema;	Tempo de preparo: um mês.	- Avaliação feita de forma individual e coletiva; - A avaliação era feita pelos professores convidados.

¹ As regras no momento da exposição dos temas sofreram algumas modificações, tais como: o aumento do tempo para cada dupla discursarem sobre seus temas (10 minutos), também as perguntas foram feitas pelos estudantes que estavam na plateia, foram liberadas três perguntas para serem feitas a cada dupla num período de três minutos cada. As respostas poderiam ser respondidas num tempo de três minutos cada.

Quadro 4: 3ª etapa – auditório (final 2)

Desenvolvimento das ações	Objetivo da etapa	Cronograma	Avaliação
- As duas duplas finalistas formam uma sociedade maior com outros alunos porque acontece o momento cultural e Artístico durante o debate; - Entrega do tema para as respectivas duplas posterior ao sorteio da dupla que ficará com a defesa do tema e da oposição;	- Debate² com as duas duplas finalistas: - Cada dupla formava sua sociedade, podendo participar delas outros alunos. Era preciso isto, pois havia outro momento durante o debate além da exposição da pesquisa feita por cada dupla, como a construção da logo e a encenação de uma música sobre o tema;	Tempo de preparo: um mês.	- Avaliação feita de forma individual e coletiva; - A avaliação era feita pelos professores convidados.



Fonte: autora da pesquisa

² As regras no momento da exposição dos temas sofreram algumas modificações, tais como: o aumento do tempo para cada dupla discursarem sobre seus temas (10 minutos), também as perguntas foram feitas pelos estudantes que estavam na plateia, foram liberadas três perguntas para serem feitas a cada dupla num período de três minutos cada. As respostas poderiam ser respondidas num tempo de três minutos cada.

2 UMA INTERVENÇÃO COM USO DE DEBATES COMO UMA METODOLOGIA ATIVA

Este capítulo mostrou como aconteceu a utilização de debates nas aulas de sociologia na escola José Ni Moreira. Desse modo, ele foi classificado como uma metodologia ativa nos recursos didáticos na sociologia.

2.1 Descrição da criação e construção do método de Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos: ABDS

Os discentes comumente não se empolgam somente com aulas expositivas nas quais só o professor é o transmissor de conhecimento. Os alunos até cumprem com seus papéis em sala de aula: assistem à exposição de conteúdo, anotam algumas observações, absorvem algum assunto linearmente e, por fim, fazem a avaliação (DEMO, 2017). Todavia, muitos não conseguem aprender de fato. Posto isto, tanto a escola tradicional como o professor são mecanismos transmissores de informações em relação aos estudantes que, por sua vez, tornam-se meros frequentadores de aula e perpetuam o legado de reprodução de informações.

Os discentes estão apenas cumprindo “tabela”, quando não, o professor precisa agir e transformar na medida do possível essa realidade, contribuir com a mudança a partir da sala de aula. Então, as novas estratégias de ensino podem ser como uma válvula de escape no combate à escola reprodutora que ainda utiliza uma gramática dominante, limitando assim a possibilidade de aprendizagem com criticidade no colégio conforme o pensamento de Freire (2011, p.41).

Por meio do uso de Debates, foi mostrado o quanto ele contribui para uma aprendizagem significativa e libertadora. Freire (2011, p.42) afirma que “a tarefa de uma teoria da alfabetização crítica é alargar nossa concepção a respeito de como os professores produzem, mantêm e legitimam ativamente o significado e a experiência nas salas de aula”, ou seja, é possível que haja transformação e o meio será através do professor conduzindo os alunos para a percepção da realidade na qual estão inseridos. Desse modo, o docente torna-se o principal agente de mudança da reprodução de desigualdades sociais em parceria com os discentes, através de

novos métodos de ensino, pois essa abertura torna-se propícia para uma consciência crítica do contexto do indivíduo.

No entanto, para que professor e aluno se tornem parceiros na escola, existem inúmeras alternativas de estratégias de que o docente pode fazer uso, reinventar-se e criar possibilidades para otimizar a aprendizagem dos alunos e a sua própria prática enquanto educador. Diante disso, proponho a construção e aplicação do método, “Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos”.

2.2 O método de Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos

O ABDS é um método de ensino inovador que proporciona uma parceria entre aluno e professor, ademais, o estudante se torna ativo em quase todas as ações desenvolvidas, tendo a pesquisa como principal ferramenta, o aluno utiliza-a para fomentar o corpo do debate.

O Debate Sociológico tomou forma como uma das mais eficientes estratégias nas minhas aulas de Sociologia, mais precisamente entre os anos de 2018 a 2019, envolvendo os alunos numa aprendizagem mais dinâmica e diferenciada. O debate sociológico proporciona ao aluno motivação para pesquisar, trabalhar em pequenas sociedades e com união entre os envolvidos na realização de cada etapa que antecede o debate.

A ideia de problematizar o tema com uma pergunta sempre fez parte das minhas aulas, porquanto percebia o interesse dos alunos em querer respostas ou mesmo em buscá-las; foi dessa forma que consegui transformar o papel de “professor papagaio” em “educador mediador”. Percebi que a pesquisa é a peça fundamental dessa mudança ao inovar em sala de aula e fora dela.

Propus temas para os debates, dentre os quais cito: *A reforma previdenciária em questão no Brasil*, *A lei de cotas ajuda a quebrar o Mito da democracia racial no Brasil*, *O agronegócio como ameaça ao meio ambiente*, *A mulher negra no Brasil contemporâneo* e *A Trajetória do negro no Brasil*. Percebia que a ideia de “perguntar” para investigar determinado tema fez sentido na vida dos educandos no processo de pesquisa para a construção de argumentos para o debate. Um dos alunos rememora como ele utilizou as perguntas para produzir indícios que embasasse seu material pesquisado para os debates como nos temas *A lei de cotas*

ajuda a quebrar o mito da democracia racial no Brasil e A Reforma previdenciária em questão no Brasil.

[...] dividi a pesquisa em três abordagens. A primeira pergunta foi "como o modelo econômico e social utilizado nos séculos passados afetam a questão?". Isso ajudou bastante, por exemplo, no debate de cotas eu esbarrei na aceitação moral da escravidão até o final do século XIX e início do século XX. Especificamente no Brasil, a falta de uma reforma agrária marginalizou a população negra, isso criou uma desigualdade de oportunidades e que explica, em parte, minhas conclusões sobre cotas raciais. Sobre a reforma da previdência, essa pergunta me levou à uma análise das constituições brasileiras, principalmente a de 1934 e a de 1988, para analisar o modelo previdenciário vigente e as garantias asseguradas aos trabalhadores, por exemplo, a CLT. Na segunda parte da pesquisa, a pergunta foi "Quais foram as consequências dos modelos aplicados em diferentes países e o que eles tem feitos para mitigar os problemas atuais?" e na terceira fase, um dos principais questionamentos foi "A solução apresentada realmente contribui para uma sociedade mais igualitária? É economicamente viável?" (Lucas, 3º ano, 17anos).

Nessa ocasião, foi perceptível o quanto é necessário o questionamento, visto que ele serve tanto para a “descoberta crítica quanto para capacidade de mudar” (DEMO, 2007, p.11). O educando é impulsionado a descobertas nas quais ele nem pensava ser possível e foi assim que o educando se encontrou entre uma linha que separava a ciência e o senso comum, ocasionado pela produção de pesquisa instigada com perguntas:

São a base e o centro da opinião que formamos, sem pesquisa o debate vira apenas uma exposição de achismos e senso comum. É necessária uma pesquisa séria para formar uma opinião embasada, somente assim o debate pode, além de esclarecer pontos que geram certas dúvidas, ser a origem de soluções aplicadas na realidade do corpo social (Lucas, 3º ano, 17 anos).

Esta fala me permite refletir sobre o que diz Freire (1989, p.07) sobre “aprender a ler o mundo”, pois percebe-se o aluno com o olhar atento às transformações que acontecem e com um observar sobre as intrínsecas desigualdades nas quais está inserido e só através da pesquisa ele constrói indagações. Com isso, torna-se possível romper com a barreira que coloca a escola como um aparelho ideológico do Estado sobre as classes subalternas (ALTHUSSER, 1970).

Freire (1997) e Gramsci (1978) mostram que a educação, mesmo tendo esta tendência reprodutivista, pode ser emancipatória, necessitando para isso de que o aluno seja ativo para indagar e ler a realidade, sempre com um olhar crítico

transformador sobre o meio social. Outrossim, os debates conseguem proporcionar essa mudança em alguns educandos.

2.3 Construção da intervenção Aprendizagem Baseada em Debates Sociológicos

Ao iniciar os estudos no Mestrado Profissional, logo no início de 2018, deparei-me com a proposta das formas como iríamos construir nosso trabalho final; minhas ideias iam surgindo sobre o trabalho que iria desenvolver e a princípio queria realizar um trabalho sobre a performance do professor em sala de aula, porém minhas ideias e objeto de estudo tomaram uma nova roupagem quando conversei com minha orientadora atual.

Então, a ideia de construir um método fazendo uma reciclagem com técnicas e métodos existentes forma minha maior motivação para a construção delas. Desse modo, a intervenção pedagógica inicia-se com a utilização do método de debates sociológicos. A partir de agora, apresentarei todas as etapas realizadas.

2.3.1 A 1ª etapa e suas dimensões: etapa intra-sala

- Desenvolvidos das ações: propostas dos temas

De início, foram lançados para a turma alguns temas, tais como: *capitalismo*, *socialismo*, *liberalismo* e *neoliberalismo*, conceitos que estavam presentes no capítulo 06 intitulado *Política, Poder e Estado* do livro didático adotado pela escola - *Sociologia em Movimento*³.

³ AFRANIO, et al. **Sociologia em movimento**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 2016.

Figura 1 – Alunos do 2º ano segurando alguns cartazes usados no momento do debate



Fonte: registro da professora Vanderlúcia.

Discutimos do então capítulo alguns conceitos e outros foram acrescentados. O objetivo era levar a sala a compreender de forma mais densa a respeito dos assuntos os quais eles poderiam usar na construção de argumentos no debate. Para que isso ocorresse, foi necessário pôr em prática uma espécie de “currículo intensivo” (DEMO, 2009, p.50), que privilegia a pesquisa e a elaboração própria do educando.

Os debates sociológicos se encaixam nesse tipo de currículo, que tem exigências: [...] “pesquisar e elaborar o tempo todo, defender os textos em público, exercitar a autoridade do argumento” (DEMO, 2009, p.50), pois o ABDS além de propor a construção de pesquisas pelos alunos, incentiva a exposição delas para diversas turmas de segundo ano.

- Formação de minissociedades

Foram formadas em sala oito minissociedades, quatro delas ficariam a favor da temática escolhida e quatro iriam contra-argumentar.

- Sorteios dos temas para cada sociedade

Este momento foi decisivo para cada sociedade saber se ficaria responsável por defender o tema ou se seria oposição.

- Escolha de um líder para cada sociedade

Cada sociedade escolheu um líder. A figura dele foi importante, pois é o principal articulador na sociedade. O líder propôs o planejamento para todas as ações tomadas por cada sujeito pertencente à sociedade; é claro que existe democracia na sociedade, mas o líder organiza o funcionamento do grupo.

- Orientações para as pesquisas e escolha das fontes

O líder de cada sociedade conduziu todo esse processo, pois eles se reuniam em sala quando a professora destinava um momento durante a aula de sociologia ou em outro lugar fora da sala com o intuito de se organizarem. Foi dado o prazo de 20 dias para a realização das pesquisas de todas as sociedades⁴ em torno do tema. Nesse quesito, o diálogo foi mais que necessário entre estes e os teóricos para a compreensão do papel que a pesquisa ocupa em qualquer técnica de ensino, porquanto não se fundamenta a utilização de metodologias diferenciadas quando a investigação, a motivação, a determinação, a curiosidade não faz parte da vida escolar cotidiana tanto do aluno como do professor.

Na educação, só se aprende quando as práticas fazem sentido, por isso o “aluno ativo” precisa ser colocado em contato com a prática nas escolas e contextualizar sua realidade. A pesquisa no debate fez total diferença na exposição do conteúdo pelos alunos, tanto que foi perceptível nos argumentos usados. É claro que, como orientadora ou mediadora, deixei-os à vontade para pesquisarem nas

⁴ Nome dado a cada equipe, por acontecer esses momentos nas aulas de Sociologia e trabalharmos com o estudo da sociedade, defino as equipes como: sociedades, das quais são separadas e enumeradas. Cada sociedade irá cuidar dos seus indivíduos, não deixando que a mesma chegue num estágio de anomia Social. Como funciona a relação dos membros? Bem, a sociedade terá um articulador que terá como propósito manter o organismo vivo dentro da sociedade. Pois o propósito será o debate em novembro e a avaliação global e mensal, tudo irá acontecer dentro da sociedade e a nota será coletiva. Como será? Durante o período de três meses irão existir os desafios que manterão os indivíduos coesos ou não. Pois, por exemplo, se um indivíduo não cumprir com suas funções, os outros indivíduos das sociedades sofrerão as sanções, a ideia é trabalhar com a solidariedade e, *a priori*, a orgânica.

fontes a que eles tinham acesso. O professor tem que fazer um acompanhamento para que haja uma pesquisa produtiva, livre das chamadas “*fake news*” e de plágios.

Uma das principais ações é buscar as fontes, pois não é permitido o “recortar e colar” e, no momento da exposição, é proibida a leitura sobre o assunto no ato da apresentação. Dessa maneira, o aluno necessita da pesquisa. As orientações da professora mediadora sobre como pesquisar fez-se da seguinte forma: indagar o tema proposto, pois a pesquisa inicia quando se questiona o assunto buscando respostas ou caminhos por meio de diversas fontes. O aluno desconstrói e reconstrói, seguindo esta lógica o aluno produz, elabora se tornando autor e não um mero porta-voz (DEMO, 2009).

As orientações sobre as fontes utilizadas na pesquisa deveriam ser realizadas através de materiais que demonstrassem credibilidade, tais como livro didático, jornais, livros, revistas, *blogs*, entrevistas, bem como pesquisa em sites da *internet*, como uso do *Google acadêmico*, *Google scholar*, *SciELO*, o site *Toda matéria*, *Brasil escola*, *periódicos CAPES*, canais no *YouTube*, como *Boitempo*, *Café filosófico*, *Politize* e alguns documentários que abordassem o assunto.

- Objetivos da primeira etapa

Ao chegar à sala, foi proposto para a turma a formação de um círculo, porém a divisão ficou num formato de meia-lua composta pelas sociedades. As carteiras foram dispostas lado a lado, tanto do lado direito como esquerdo e também no fundo da sala, deixando o corredor no centro livre. Cada sociedade pôs-se em seus lugares agrupadas e cada uma delas recebeu a orientação de usar 5 minutos para argumentarem.

A sociedade de defesa do capitalismo teve cinco minutos para expor seus argumentos. Logo em seguida, a outra sociedade que ficou com o mesmo tema teve o mesmo tempo para contra-argumentar. Após os argumentos expostos, aconteceu o momento das perguntas. Foram feitas três perguntas para as sociedades e para a realização de cada pergunta foi dado um tempo permitido de dois minutos. Em seguida, a sociedade de oposição respondeu num tempo de três minutos, enquanto as réplicas aconteceram limitadas por um tempo de dois minutos e por fim as

tréplicas, num tempo de um minuto, sempre alternando entre as sociedades. Todas elas passaram por esse processo.

Desse modo, as duas sociedades tinham ao todo 30 minutos para debaterem entre si. O tempo restante (20 minutos) foi utilizado para que eu, enquanto orientadora, tecesse observações das apresentações e também deixava um momento livre para as sociedades que não estavam participando diretamente fazerem suas observações ou perguntas.

- Avaliações dos estudantes envolvidos

Logo que as sociedades concluíam suas respectivas apresentações, era realizado o fechamento da nota de cada uma, assim como de cada estudante através de dois tipos de avaliações: individual e coletiva, “[...] pois cabe ao professor orientar e avaliar, cabe ao aluno pesquisar e elaborar” (DEMO, 2009, p.97). Mediante essa parceria, o professor consegue vislumbrar sua obra de arte que é o estudante que sabe pensar.

Muitos alunos se destacaram por sua oratória, outros que aparentemente eram tímidos surpreendiam a própria turma com os seus argumentos. É claro que nem todos os alunos apresentaram, mas a maioria se dedicou ao novo método. Conforme a proposta, todas as oito turmas de 2º anos participaram. As percepções sobre método foram várias conforme alguns relatos dos alunos sobre este método.

O aluno Lucas Paulo afirma que “[...] contribui para a autonomia e autoconhecimento dos estudantes”. Assim como Emanuelle afirma que “[...] trouxe reconhecimento de professores e colegas de escola à minha vida de estudante”. Da mesma maneira, Jaqueline disse: “foi um método bem aprofundado, consegui ver que aprendi mais”; e por último o Felipe afirma que “é uma técnica que estimula o aluno a estudar o conteúdo do debate, para estar na outra aula pronta para argumentar, desse modo, vemos que é uma técnica bem eficiente”.

Portanto, ao resumir estas impressões registradas pelos discentes, elas podem ser sintetizadas em tais palavras: dar ao aluno autonomia, autoconhecimento, reconhecimento, aprofundamento, estímulo e eficiência ao aluno.

2.4 Segunda etapa do debate: fora sala de aula

A priori, a ideia do debate seria somente em sala, porém um aluno propôs a disputa entre salas, uma espécie de competição. Então, minha intervenção foi sendo refeita com ajuda dos discentes. A iniciativa do estudante através das experiências vivenciadas em sala mostrou que a técnica deveria ser levada a todos os discentes da escola. Esse episódio faz com que se perceba a contribuição do alunado no ensino-aprendizagem dele e dos colegas quando o professor os instiga a criar, pesquisar e elaborar por conta própria. Essa situação remete a pensar e concordar com a afirmativa de Pedro Demo (2009, p. 13) ao ratificar que “[...] educar é o processo de dentro para fora”, ou seja, o aluno tem que buscar e, parafraseando Freire (2005), insistir na instigação do professor para promover a emancipação do aluno.

O ensino precisa dessa parceria docente-discente para que haja uma fluidez do que realmente se faz necessário para a aprendizagem. Posto isto, a emancipação do aluno existirá quando ele também tiver “autonomia do ser educando” (FREIRE, 2011, p.58) para colaborar com a técnica de ensino, que não irá sufocá-lo, mas libertá-lo. Infelizmente, o aluno ainda não tem o hábito nem a estrutura para fazer isso tudo sem que o docente o motive para que a autonomia seja plena.

Enquanto isso, o professor pode ter um papel fundante caso conduza a situação com flexibilidade e proporcionando esta autonomia ao aluno. Demo (2009, p. 13) reforça que “o professor não se torna descartável” tanto que sua figura representa muito para o aluno, pois este terá o professor como aquele que irá ajudá-lo no processo de aprendizagem visto que o alunado encontra no professor um local de apoio, incentivo, orientação e, por fim, o docente faz um diagnóstico de toda ação desenvolvida em conjunto, neste caso a avaliação.

• Desenvolvimento e ações da segunda etapa

Mediante a sugestão apresentada pelo educando anteriormente, foi proposto à gestão, representada pela coordenadora Paola, a construção dessa segunda etapa. Em tal caso, a importância da gestão no acompanhamento era importante, pois subsidiava nesse segundo momento. Diante disso, foi necessário o uso do tempo de

aulas de outros professores para que os debates acontecessem ao passo que os outros docentes gostaram muito da ideia e apoiaram.

O professor Nildemar disse que o método é muito relevante “porque permite o educando ser sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o discente teve que pesquisar para criar os argumentos necessários para defender seu ponto de vista no debate” (Entrevista, professor Nildemar). O professor ressalta ainda a importância do aluno ativo, característica de um currículo intensivo, assim como o método ABP em que o protagonismo do aluno é mais acentuado (FILATRO; CAVALCANTI, 2018, p. 40).

O professor Axel relata que o debate é muito relevante e “fundamental para a compreensão do mundo a nossa volta”. Também a professora Vera enfatiza a pesquisa no debate: “[...]faz com que o aluno busque aprofundar sobre a temática, usando pesquisa que embasa teoricamente o diálogo, no momento do debate em si. Tornando-o empoderado do que vai defender” (Entrevista, professora Vera). Para a professora Genys, o debate é de extrema importância na escola, pois “os alunos mostram interesse maior com o conteúdo e repassam com muita segurança, reforçando seus conhecimentos” (Entrevista, professora Genys).

- Formação de cada dupla por turma

Os debates aconteceram no auditório, tendo dois representantes de cada sala. Portanto, a escolha de cada dupla foi feita por suas respectivas turmas. Desse modo, os alunos escolheram seus dois representantes por meio de votação; os selecionados foram os que se destacaram no debate em sala de aula.

- Sorteio da dupla de defesa e oposição ao tema

Decidida a escolha da dupla que representava cada turma, houve o momento do sorteio de quem ficaria contra e a favor da temática *A reforma previdenciária em questão no Brasil*. Destarte, os discentes foram orientados sobre como seria a exposição do conteúdo.

A princípio ressaltai o cuidado com as fontes usadas e muitos vieram pedir ajuda sobre o material pesquisado. O suporte do professor, nesse momento, é

necessário, porém é imprescindível dar liberdade e autonomia para o aluno produzir. Veja como o aluno Lucas e Felipe realizaram a pesquisa:

A pesquisa foi feita, primeiramente, de forma generalista, analisando um contexto amplo de debate, principalmente nos aspectos históricos e sociológicos. [...] No debate sobre a reforma previdenciária. Após essa primeira pesquisa, busquei me informar sobre a forma que diversos países lidavam com o problema, procurei modelos administrativos diversos, para ter base de abordagens divergentes. Em um terceiro momento, a pesquisa focou-se em dados da problemática no Brasil, com esses dados em mãos, pude averiguar quais modelos internacionais apaziguaram a questão em países com índices parecidos e como a proposta aplicada, ou, no caso da reforma previdenciária, que iria ser aplicada, ajudava a solucionar a questão e melhorar a igualdade na sociedade (Lucas, 16 anos, 2ºano).

Com a reforma da previdência discutida em 2019 pelo Governo Federal[...] viu a necessidade de se pesquisar os principais impactos à população brasileira em decorrência das alterações, com isso as principais linhas de pesquisas foram realizadas analisando o texto base da proposta. Antes de iniciarmos as pesquisas e estudos, traçamos como base a seguinte pergunta: quais as principais modificações trazidas ao sistema previdenciário, com essa reforma? Será que tais mudanças serão benéficas ou maléficas para a população? A partir desses pontos os ouvintes poderão tirar suas próprias conclusões (Felipe, 16, 2º ano).

As falas dos discentes acima mostram como a pergunta leva o aluno a produzir pesquisa e fortalecer sua criticidade sobre a realidade vivenciada através da televisão e *internet* como foi a Reforma da previdência, fazendo um adendo através desta pesquisa que proporcionou o surgimento de um outro projeto intitulado *Jogo da previdência: aposentar-se ou não, eis a questão*⁵.

Seguem dispostos abaixo alguns argumentos proferidos pelos alunos durante o debate sobre a reforma previdenciária no Brasil:

A proposta cria uma idade mínima de aposentadoria e de contribuição, sendo 65 para homens e 62 para mulheres, onde só poderiam ser beneficiados com sua aposentadoria integral, ou seja, 100% da aposentadoria se tivessem 48 anos de contribuição, ou seja, teriam que contribuir sem falta desde os seus 17 anos. O mínimo seria 20 anos, mas não receberiam seu benefício totalmente integral. Ou seja, quase ninguém conseguirá se aposentar e iriam morrer antes de tudo, os idosos mais pobres que quiserem sua aposentadoria adiantada, teriam elas, mas reduzidas, sendo de 400 reais.

A lei também se aplicaria para idosos que trabalhariam na zona rural, o que é ruim, pois eles têm uma vida mais cansativa, pois trabalham pesado e deveriam ter o direito de se aposentar mais cedo, assim como grande maioria das mulheres que têm mais de duas jornadas em suas vidas. Argumentos da economista Denise Gentil, doutora em economia na universidade UFRJ, que tem acesso a documentos da previdência diz que o

⁵ Foi mencionado no segundo capítulo.

ajuste fiscal deveria começar por uma reforma tributária e, também, pela cobrança das grandes empresas sonegadas, entre muitos outros argumentos.

O governo usa uma ferramenta chamada DRU (desvinculação de receitas da união) que é uma ferramenta onde o governo pode usar 30% do dinheiro da previdência para pagar dívidas do Estado, que eles desviavam muito mais dinheiro do que deveria da previdência social.

E naquela época o governo alegava que não estava tendo dinheiro para pagar a aposentadoria e benefícios de pessoas, mas a realidade foi sempre a corrupção dos governos que atrapalha a vida do brasileiro (Jaqueline, 2º ano, 16 anos).

[...] uma reforma tão brusca no sistema previdenciário seria necessária e principalmente, se seria benéfica à população brasileira? [...] (Felipe, 16 anos, 2º ano).

Posto os argumentos citados pelos alunos, nota-se como a pesquisa é imprescindível para o debate à medida que eles conseguem interpretar e entender a intenção do governo com tal proposta e ainda transmitir para outros discentes seus argumentos.

Assim como para o docente “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2011, p.30), o aluno precisa ter este discernimento que para abordar certo assunto ele precisa produzir pesquisa também, ter a dimensão que pesquisa é útil “[...]para conhecer o que ainda não conhece e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 2011, p.31). Como cita o aluno Felipe sobre a previdência Social (16 anos, 2º ano), “[...] assim, os alunos pensarem criticamente sobre um assunto político-social, mas que raramente é discutido em sala de aula”.

Como mencionado anteriormente, sobre o método ABP, utilizei alguns de seus termos e conceitos na produção dos debates, como: *âncora*, *artefatos*, *questão motriz*. No debate, a ideia era utilizar uma *âncora*, isto é, a base para perguntar, posteriormente usada para fundamentar o ensino em um cenário do mundo real. Pode ser retirada de artigo de jornal, um vídeo interessante, um problema colocado por um político ou grupo. Foi utilizada a Proposta de Emenda à Constituição 06/2019 que estava tramitando na câmara e senado, possibilitando uma discussão do que estava acontecendo nos países que era de interesse de todos.

Outro termo que a ABP utiliza é a *questão motriz* - “é a questão principal, que fornece a tarefa geral ou a meta declarada para o projeto de ABP (BENDER, 2014 p.17). A questão motriz tem que ser significativa para os alunos, pois tem que despertar motivação e o interesse deles. Quando se coloca um tema que tenha as possibilidades de discussão, tanto a favor como contra, há interesse em estudar e defender seus argumentos com propriedade.

Na temática sobre *A Lei de cotas ajuda a quebrar o Mito da Democracia Racial no Brasil?* Os discentes puderam utilizar alguns termos da ABP para a construção da pesquisa. Abaixo estão alguns argumentos dos educandos sobre o tema:

As cotas raciais são questionadas e objeto de debates desde antes da Lei de Cotas de 2012, a qual estabeleceu os parâmetros de divisão das vagas em universidades. A medida foi acertada, já que o Estado brasileiro precisa atuar na diminuição das desigualdades raciais e sociais, presentes desde os primeiros habitantes desse território. Entretanto, há objeções à necessidade e utilidade deste importante avanço, e foi por isso que eu separei alguns argumentos para defender a implementação e manutenção das cotas, até as desigualdades educacionais e raciais do país serem atenuadas. Partindo desse panorama, é indispensável relatar, mais uma vez, as diversas adversidades sofridas pela população negra do Brasil desde sua formação até os dias atuais, na maior parte desse tempo o preto desse território não tinha o direito mais básico: o da liberdade. Diferentemente da escravidão que houve na antiguidade, a que ocorreu pelo oceano atlântico tinha razões comerciais e os escravizados eram todos da mesma raça, desse modo, o simples fato da cor de pele da pessoa ser preta já bastava para subjugá-la à condição de escravo, isso acarretou um preconceito crescente contra essa população que perdura até os dias atuais, uma vez que nada foi feito para inserir o negro na sociedade no período pós-escravidão, pelo contrário, a lei de terras basicamente impossibilitou a aquisição de propriedades por ex-escravos. Além disso, não bastassem os séculos de escravidão, pessoas negras não conseguiam empregos formais, o que limitava a atuação dessas pessoas à subempregos. A sociedade não muda por causa de um pedaço de papel assinado, apesar da liberdade, pessoas negras ainda estavam sujeitas ao preconceito e à omissão do Estado, o qual ainda era eugenista e se preocupava em branquear a população trazendo imigrantes europeus para o país. A segregação, apesar de não ocorrer de maneira constitucional como nos Estados Unidos e na África do Sul, era presente no cotidiano brasileiro, os descendentes dos escravos libertos foram alocados nos subúrbios das cidades, onde as ações do governo não chegavam. O reflexo disso é visto ainda hoje, é possível observar que o negro é segregado aos subempregos e à violência, já que apenas recentemente o Estado começou a tomar atitudes para reverter essa situação e diminuir as desigualdades do país. É claro que ainda há muito a construir, é possível apontar falhas nas avaliações e fraudes nas cotas, realizadas principalmente por pessoas que não concordam com essa política pública, mas é nítido o avanço que as cotas raciais trouxeram. Quando o negro alcança espaços que antes eram considerados inatingíveis e depois volta para sua comunidade, ele serve como modelo, ele demonstra que é possível, mesmo com as adversidades. Os índices não mentem: alunos cotistas têm menor evasão e notas equivalentes ou até maiores do que as dos não cotistas são mais esforçados, mesmo, muitas vezes, tendo deficiências em algumas matérias devido ao ensino básico precarizado. Fato é que a Lei de Cotas prevê uma revisão do sistema em 2022, na qual serão analisados os resultados e quais outras medidas são necessárias para diminuir as desigualdades raciais. Outro fator importante é a falácia de que cotas retiram vagas de outros alunos, o que há é uma redistribuição das vagas, sendo reservadas 50% das vagas para alunos que estudaram todo o ensino médio em escolas públicas, dentro desses 50%, existe a divisão por base de renda e de etnia, com base nos dados do IBGE. Ou seja, apesar dos alunos que tiveram acesso a ensino particular ser muito menor dos que estudaram em escolas públicas, basicamente 50% das vagas ainda são ocupadas por eles. Dito isso, creio que seja observável que cotas não são privilégios dos negros, muito pelo contrário, elas são mecanismos para apaziguar diferenças

sociais. O Brasil foi colônia, império e república, 500 anos de história e de políticas que perpetuaram a submissão e exclusão dos negros na sociedade, pela primeira vez o Estado brasileiro intervém em favor da diminuição das desigualdades, ainda estamos no começo, mas depende de nós entendermos e lutarmos por políticas que aumentem a inclusão e a pluralidade do país (Lucas, 16 anos, 2º ano).

Historicamente, no Brasil, os negros enfrentam desafios que por vezes superam as dificuldades enfrentadas por bancos. Os pobres e negros por muito tempo foram minorias nas universidades públicas, negros desde de a colonização sempre estiveram à margem da sociedade, sempre escalonados nos piores índices de desenvolvimento humano e por isso sujeitos aos piores meios de sobrevivência. O tempo passou, ao longo dos séculos muita coisa melhorou mais ainda não o suficiente, por isso é fundamental o uso afirmativo de cotas, não só raciais, mas cotas para todas aquelas pessoas que apresentam limitações que as impeçam de concorrer justamente por uma vaga, seja na universidade, em um concurso ou em uma vaga de emprego, é fundamental entendermos que as pessoas também são influenciadas pelo meio em que estão inseridas (Felipe, 16 anos, 2º ano).

Os argumentos acima trazem uma reflexão de quanta seriedade a despeito do que deve ser feito pelo discente ao defender seus posicionamentos e embasamento teórico e que de alguma forma impactou muitos alunos. Um assunto sendo transmitido por aluno para os demais não é tão comum.

Em seguida, seguem alguns questionamentos contra as cotas:

[...] a inconstitucionalidade da lei no artigo 5 onde dizia que todos nós somos iguais perante a lei, o preconceito nas universidades em cima das pessoas negras pela segregação social e racial que elas causam, e que a verdadeira raiz de toda esse problema era sobre a baixa qualidade da educação pública básica e que o real problema era social e não racial (Jaqueline, 16 anos, 2º ano).

O sistema de cotas não é tão eficaz o que seria melhor que eles tentassem resolver da base, do início da educação. As fraudes que acabam ocorrendo no sistema de cotas (Walesca, 16 anos, 2º).

Nas arguições acima, nota-se posição contrária ao sistema de cotas. As duas alunas debatedoras citaram que foi difícil defender o não uso das cotas em Universidades ou em concursos já que elas são a favor das cotas. Outro ponto relevante é que elas não encontram muitos argumentos que pudessem invalidar a utilização das cotas.

Enfim, os argumentos propostos por elas foram poucos. No primeiro, a Jaqueline utiliza o artigo quinto da Constituição o qual relata que todos são iguais perante a Lei, no segundo argumento, utilizado pela Walesca, cita-se que o

problema está na base da educação para resolver o problema de desigualdade social, desse modo não necessitaria de cotas raciais.

Os alunos Felipe e Lucas foram os vencedores, pois apresentaram mais embasamento teórico para defender o posicionamento exposto, então cumprindo os pré-requisitos utilizados.

Figura 2 – Alunos Felipe e Lucas no debate.



Fonte: Acervo Loiane (aluna)

Os dois se empenharam na pesquisa sobre o tema, mostrando a densidade de informações adquiridas com suas pesquisas, assim como tiveram também uma boa desenvoltura na apresentação do tema. Outro fator que possa ter contribuído foi a segurança na defesa das cotas, pois a dupla vencedora apresentou diversos argumentos.

Em contrapartida, a dupla que ganhou uma nota inferior possuía poucos argumentos que não se sustentaram diante dos produzidos pela dupla vencedora, cuja visão era favorável ao tema debatido. Todavia, ressalta-se a vivacidade demonstrada nas exposições, com a centralidade dos argumentos voltada para o tema, não havendo dispersão.

Quadro 5: Ficha de Avaliação

FICHA DE AVALIAÇÃO DO DEBATE SOCIOLÓGICO TEMA: A REFORMA PREVIDENCIÁRIA EM QUESTÃO NO BRASIL	
CATEGORIAS	PONTUAÇÃO
DOMÍNIO SOBRE O ASSUNTO	(0 A 2)
POSTURA DOS ALUNOS	(0 A 2)
EQUILÍBRIO EMOCIONAL	(0 A 2)
COMPORTAMENTO DA TURMA	(0 A 2)
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	(0 A 2)
TOTAL _____ ASSINATURA DO AVALIADOR _____	

• Local dos debates

Para o professor orientador, ao chegar o grande dia do Debate, ficou a indagação se eles iriam apresentar, se iriam conseguir expor seus argumentos construídos através das pesquisas. Bergmann e Sams (2019, p.07) afirmam que “ao iniciarmos essa jornada, não tínhamos ideia de que o que estávamos fazendo se difundiria além de nossas quatro paredes [...]”; assim como esses dois professores que aplicaram a metodologia chamada de *sala de aula invertida de aprendizagem para o Domínio* e que no início tiveram inúmeras dúvidas sobre sua técnica inovadora, tive também essas incertezas no início, mas elas não me inibiram a prosseguir.

A realização dos debates sempre aconteceu com o enfrentamento entre duas turmas: uma para defesa e a outra para a oposição. No palco do auditório foi improvisado o púlpito (uma mesa coberta com uma toalha azul), que dispunha de um microfone disponibilizado pela instituição; o espaço foi ornamentado, tendo sido aperfeiçoada a estrutura ao longo das etapas.

O debate no Auditório aconteceu da seguinte forma: houve as eliminatórias das duplas, dentre as quais somente duas se classificaram para a final. Os avaliadores foram os professores das disciplinas de História, Sociologia, Filosofia, Geografia, um jornalista e alunos de outro espaço escolar; estes dois últimos avaliadores foram escolhidos por não serem profissionais atuantes no Liceu. A Avaliação teve caráter individual e coletivo; as duplas que ficaram com as duas maiores pontuações iriam para final.

Os temas *A mulher negra no Brasil contemporâneo* e *A trajetória do negro no Brasil e sua luta por liberdade* foram explanados na terceira etapa. Tive que aderir a um pedido dos alunos. Segundo suas análises, era muito complicado abordar determinado tema com essa ideia de ser a favor ou contra. Assim, utilizei dois temas para o debate final. A dupla composta pelas alunas Ana Luísa e Loiane ficou com o tema *A mulher negra no Brasil Contemporâneo*, enquanto a outra dupla integrada pelos alunos Santiago e Elvis ficou com o tema *A Trajetória do Negro no Brasil*.

A seguir, explico como funcionou a terceira parte, seccionada em três etapas: 1) apresentação da logomarca por cada dupla, 2) exposição dos argumentos sobre os temas propostos e 3) apresentação da encenação da temática.

2.5 Terceira etapa do debate sociológico

A terceira etapa (final) diferencia-se das duas anteriores, pois além do debate em si, acrescenta alguns elementos, como a criação de uma logomarca pelas duplas finalistas e a encenação de uma música relacionada ao tema.

Ela foi estruturada da seguinte forma: existe o mediador - a professora de sociologia que apresenta as sociedades formadas pelas duplas e conduz todo o momento do debate; a exposição da logomarca e a apresentação de argumentos pelas duplas com seus respectivos temas e, por último, a apresentação cultural com uma música escolhida pelas sociedades, as quais foram apresentadas ao público.

• Apresentação da logomarca

A proposta da criação da logo aconteceu com o objetivo de desenvolver a criatividade, utilizar a arte para expressar o tema e mobilizar mais estudantes na

participação desta sequência. A primeira logomarca abordou o tema *A mulher Negra no Brasil Contemporâneo*.

Figura 3 – Apresentação da logomarca sobre a mulher negra no Brasil contemporâneo



Fonte: Imagem cedida pelos alunos

Ao observar o símbolo criado pela dupla, percebe-se a riqueza de informações compiladas ao mostrar muito mais que o tema em si. Quando o aluno explicou os detalhes, deixou claro todas as possíveis análises. O estudante Josué explica:

[...]. A cor roxa representa todas as mulheres do Brasil. Aqui no centro da logo, não sei se vocês perceberam tem nessa parte azul, tem um púlpito como se fossem duas pessoas debatendo. Aqui em baixo tem uma mulher Negra, representando o tema do nosso debate que é a mulher Negra no Brasil Contemporâneo todo é esse contexto do nosso logo [...] (Josué, 16anos, 2º ano).

A ideia de usar a figura da mulher no centro do debate foi muito significativa para a atualidade ao criar uma consciência sobre toda a trajetória de enfrentamento

de desigualdades e subalternidade e entender que isso precisa ser mudado e não deve ser aceito com naturalidade.

A segunda logomarca criada também está carregada de significados. Durante apresentação da logo, ficou claro que a mensagem principal teria relação com o tema *A trajetória do negro no Brasil*.

Figura 4 – Logomarca com tema *A trajetória do negro no Brasil e sua luta por liberdade*.



Fonte: imagem cedida pelos alunos

Segundo o relato da dupla, a logo significa:

Os bonequinhos representam pessoas de cores, raça, etnias diferentes; pessoas pretas, brancas, índios, orientais, amarelos... essas máscaras que estão embaixo, a lampadazinha em cima representa pessoas com ideais, ideias diferentes, tipo, pessoas com religiões diferentes, culturas diferentes, etc. Essas ferramentas embaixo representa a Revolução Industrial, no sec. XVIII que começou na Inglaterra e que também alavancou muito o desenvolvimento social entre as pessoas. [...], **e esse pause no meio, era sobre o racismo, para que acabasse a diferença entre as pessoas** (Jaqueline, 17 anos, 3º ano, grifo meu).

A explicação toma uma visão também muito ampla a respeito do tema proposto para a dupla. Foi perceptível que a preocupação se mostrou numa construção e

numa representatividade de igualdade. O foco não foi somente no tema da dupla, mas a visão estrutural de luta pela igualdade entre todos. Por fim, o sinal de pausa, que significa muito para um momento de reflexão em que as diferenças muitas vezes geram preconceitos dispensáveis à humanidade.

Por fim, as logomarcas foram feitas em E.V.A.⁶ construídas através de material repicado e montado conforme o símbolo desejado.

- O grande momento do debate

Cada dupla efetuou sua pesquisa sobre o assunto proposto para o debate. Demo (2009, p. 13) afirma que “[...] é fundamental redefinir o professor como quem cuida da aprendizagem dos alunos”. Logo, este foi o meu papel como professora, orientando especialmente quando os alunos pediam sugestões de fontes que pudessem embasar seus discursos para a produção da pesquisa e estudo do material compilado.

Este papel como docente tem significação preponderante ao oferecer suporte ao aluno para a construção de sua autonomia. Segundo a aluna Jaqueline, ao relatar sua forma de estudar para o debate, “eu estudava todas as noites depois da escola, fazendo anotações que via em sites confiáveis e estudando sobre elas depois”. É evidente na fala da aluna que é preciso tomar cuidado com as fontes de pesquisa, priorizando as que são confiáveis. Sobre a maneira que o aluno Lucas estudou para os temas, ele diz:

“[...] a partir dos estudos aplicados ao debate incorporei documentários e programas de TV (como o café filosófico) na rotina de estudo, pude perceber que ver aulas sentado, não é a forma mais produtiva de aprender. Estendi esse processo para todas as áreas de conhecimento (Lucas, 16, 2º ano).

O aluno Lucas pontua um elemento significativo ao relatar que através do debate consegue enxergar que o conhecimento pode ser bem mais interessante quando existe uma iniciativa de produzi-lo através da pesquisa, a qual, para Demo (2009, p.50), é um “ambiente de aprendizagem”, [...] “pesquisar é elaborar o tempo

⁶ A sigla E.V.A. significa um processo de alta tecnologia que mistura Etil, Vinil e Acetato.

todo, defender os textos em público, exercitar a autoridade de argumento”. É perceptível o quanto a produção do aluno o conduz para a autonomia quanto ao conhecimento.

O aluno Santiago afirma também: “Bom, estudei pela internet basicamente, mas também fiz entrevistas com alunos”. Este discente não se contentou somente com a pesquisa em plataforma eletrônica, mas quis produzir narrativas a respeito do que os indivíduos pensavam sobre a temática e agregar ao material pesquisado.

Ao pesquisar sobre determinado assunto, precisa-se ter a certeza da veracidade daquela informação, pois a ideia é produzir ciência, por isso é necessário dar orientação aos alunos do quanto as fontes precisavam ser confiáveis, sobretudo ao proporcionar propriedade para argumentar, questionar, propor e contrapor.

Na grande final, utilizei o formato com dois temas, a pedido das próprias duplas. Sendo assim, não haveria dupla defendendo o tema e a outra contra até porque o tema seria recorrente ao dia da Consciência Negra, 20 de novembro. No entanto, as próprias duplas iriam debater entre si. Com este formato, pude observar que a disputa não ficou acirrada no sentido de competição, mas percebi que as duplas se mostraram respeitadas uma para com a outra e quanto às regras regulamentadas pela mediadora, contendo os respectivos pré-requisitos:

Quadro 6: Ficha de avaliação sobre a mulher negra no Brasil.

FICHA DE AVALIAÇÃO DOS DEBATES SOCIOLÓGICOS TEMA: A MULHER NEGRA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. DUPLA: L.L e A. L	
CATEGORIAS	PONTUAÇÃO ATÉ 3000 PONTOS
DOMÍNIO SOBRE O ASSUNTO	(0 A 1,25)
POSTURA DOS ALUNOS	(0 a 1,25)
EQUILÍBRIO EMOCIONAL	(0 a 1,25)
COMPORTAMENTO DA TURMA	(0 a 1,25)
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	(0 a 1,25)
LOGO	(0 a 1,25)

MÚSICA PERFORMANCE	(0 a 1,25)
ORNAMENTAÇÃO	(0 a 1,25)
TOTAL _____	
ASSINATURA DO AVALIADOR	

Quadro 7: Ficha de avaliação sobre a trajetória do negro no Brasil.

FICHA DE AVALIAÇÃO DOS DEBATES SOCIOLOGICOS	
TEMA: A TRAJETÓRIA DO NEGRO NO BRASIL E SUA LUTA POR LIBERDADE	
DUPLA: S.N e F.E	
CATEGORIAS	PONTUAÇÃO ATÉ 3000 PONTOS
DOMÍNIO SOBRE O ASSUNTO	(0 A 1,25)
POSTURA DOS ALUNOS	(0 a 1,25)
EQUILÍBRIO EMOCIONAL	(0 a 1,25)
COMPORTAMENTO DA TURMA	(0 a 1,25)
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	(0 a 1,25)
LOGO	(0 a 1,25)
MÚSICA PERFORMANCE	(0 a 1,25)
ORNAMENTAÇÃO	(0 a 1,25)
TOTAL _____	
ASSINATURA DO AVALIADOR	

Demos início ao momento tão esperado e os avaliadores estavam compenetrados no palco do auditório, os alunos conseguiram emprestado um púlpito da câmara municipal da cidade. As duplas estavam nos seus lugares. A primeira dupla, composta por Loiane e Ana Luísa, iniciou o debate, fazendo uso de seus 10

minutos para exposição de seus argumentos. Segue abaixo um dos argumentos utilizados:

Bom, a região Nordeste, região que a gente mora, é aonde mais mata negros no Brasil. Primeiro o Rio grande do Norte, segundo o Ceará e, em terceiro, Pernambuco. É algo que totalmente vem à questão da revolta. Não sei se vocês puderam ver, mas Mariele Franco era uma ativista, mulher negra, uma mulher lésbica, ela é socióloga e foi criada em periferia e algum tempo atrás ela morreu com tiros e antes dela morrer, ela questionava muito a violência contra os negros dentro das favelas, principalmente dentro das favelas. Os negros no Brasil são vistos como favelados, como pobres como bandidos. É algo muito triste! A gente pode ver na política brasileira de acordo com o IBGE, as mulheres negras representam menos de um por cento, na câmara dos deputados dos 513 parlamentares que a gente tem, 52 são mulheres e dessas 52 mulheres, 7 são negras. É algo inaceitável, como é que a mulher negra vai ter espaço dentro do Brasil se ela não tem espaço dentro da política? Nós, mulheres negras, precisamos soltar a nossa voz, precisamos de espaço dentro da política, Dentro dos ambientes onde a gente tenha liberdade de expressão. A gente precisa mostrar que essa desigualdade social, essa desigualdade racial tem que acabar. O Brasil ainda é um país muito machista, muito racista, eu digo isso porque os números mostram. O Brasil praticamente não mudou nada desde a época do período colonial e no mercado de trabalho não é diferente, mesmo com a diminuição do analfabetismo, não sei se vocês viram os noticiários, mas em 2018 a gente teve uma ótima notícia para os negros. Pela primeira vez na história, o negro nas universidades públicas ultrapassou o número de brancos, a gente tem cerca de 140.000.000 negros nas universidades (Loiane, 16 anos, 2º ano).

Este argumento reflete uma preocupação com o negro que sofre diariamente com o racismo estrutural inserido num sistema bruto de desigualdades. Sabe-se que quando o movimento feminista inicia, por volta do século XIX em países ocidentais, reclama-se o direito ao voto pela mulher, desconsiderando a mulher negra. No entanto, com o feminismo negro e pós-colonial surge a luta das mulheres negras ainda tratadas como invisíveis. No Brasil o movimento feminista “se recusava a reconhecer que há uma dimensão racial na temática de gênero que estabelece privilégios e desvantagens entre mulheres” (CARNEIRO, 2011, p.121).

A luta deve continuar para que a desigualdade seja extirpada e que mulheres negras possam ocupar os mesmos lugares que homens brancos, mulheres brancas e homens negros nos diversos setores da sociedade, seja no mercado de trabalho, na política, etc. O principal canal para essa mudança ainda se faz pela educação, seja na escola ou na rua, precisa-se de uma consciência de classe.

Após esse momento, foi dado o mesmo tempo e oportunidade para a dupla adversária, mas com o tema *A trajetória do Negro no Brasil Contemporâneo*. Elvis

(16 anos, 2º ano) trouxe para o debate toda a contextualização da histórica do negro no Brasil e identificou que logo após a libertação com a Lei Áurea, no ano de 1888, os afro-descendentes não estavam totalmente libertos: “Nenhum deles tinha condições de comprar terras”. Assim como não tinham terra, também não possuíam um trabalho ou educação visto que o Estado não realizou nenhuma política que os inserissem na sociedade.

Santiago (16 anos, 2º ano) ressalta que “[...] essa liberdade que os negros ganharam não adiantou de nada se ainda existe o preconceito. O racismo, várias coisas, ainda assim é uma cultura que continua dentro da sociedade”. Por mais que o preconceito ainda exista na sociedade, assim como o racismo, é preciso lutar para desconstruí-los e construir uma sociedade mais justa e mais humana.

Findado esse momento, foi ofertada à plateia de estudantes a chance de participar com perguntas direcionadas às duplas e assim o fizeram. Foram propostas três perguntas para cada dupla e cada dupla respondeu aos questionamentos propostos.

Figura 5 – Elvis discorrendo sobre a trajetória do negro no Brasil.



Fonte: imagem cedida pelos alunos.

A dupla Santiago e Elvis ficou com a temática⁷ *A trajetória do Negro no Brasil e sua luta por liberdade*, enquanto Loiane e Ana Luisa, com o tema *A mulher negra no Brasil contemporâneo*.

Figura 6 – Ana Luísa e Loiane expondo seus argumentos.



Fonte: imagem cedida pelos alunos

O encerramento aconteceu com apresentação da encenação da música escolhida por cada sociedade a respeito do tema em um íterim de cinco minutos, culminando com um momento cultural e artístico. Os representantes encenaram uma música e apresentaram-na para o público, movimentando os alunos da escola por completo, pois eles acham muito interessante a ideia do debate, alunos iguais a eles com o poder da fala, saindo da subalternidade e encontrando um lugar de fala, quando práticas norteadas pelo ensino tradicional não permitem isso.

Figura 7 – Encenação da música *Não precisa ser Amélia*.

⁷ Os estudantes pediram que fossem abordados temas diferentes entre as equipes na fase final.



Fonte: imagem cedida pelos alunos.

Os alunos encenaram a música, da cantora Bia Ferreira, intitulada “Não precisa ser Amélia”. O interessante é que eles não abordaram somente a mulher preta, mas a outras minorias explicitadas na letra da música, como os indígenas, nordestinos, transexuais.

São nesses momentos em que consigo compreender o papel do professor-orientador na construção da imaginação sociológica proposta por Charles Wright Mills (1969). Os discentes não têm como construir a imaginação sociológica se ela não for estimulada:

Raramente têm consciência da complexa ligação entre suas vidas e o curso da história mundial; por isso, os homens comuns não sabem, quase sempre, o que essa ligação significa para os tipos de ser em que se estão transformando e para o tipo de evolução histórica de que podem participar. Não dispõem da qualidade intelectual básica para sentir o jôgo que se processa entre os homens e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo. Não podem enfrentar suas preocupações pessoais de modo a controlar sempre as transformações estruturais que habitualmente estão atrás deles (MILLS, 1969, p.10).

Fazer uma reflexão sobre o problema pessoal e depois fazer o mesmo processo de modo social é construir a imaginação sociológica. Os alunos, ao

trazerem uma criticidade sobre a construção do racismo e sobre a mulher negra no país, também abordaram o feminicídio de mulheres trans, sendo encenadas por uma aluna levada em uma carroça, representando a morte da travesti Dandara e de muitas outras. A mulher nordestina, descrita como uma mulher de força e coragem, a doméstica, descobrindo seus direitos, momentos em que é demonstrada a construção da imaginação sociológica.

Quando os discentes começam a pensar sociologicamente, percebe-se o desenvolvimento de uma prática criativa, o indivíduo começa a notar sua existência através do meio social no qual encontra-se inserido, o que aprofunda os questionamentos diante dos diversos assuntos sociais. Mediante tudo isso, a consciência será formada para uma compreensão de que a sociedade não surge por acaso. Então, é mostrado o que precisam, assim como afirma Charles Wright Mills.

[...] e o que sentem precisar, e uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e desenvolver a razão, a fim se perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos. É essa qualidade, afirmo, que jornalistas e professores, artistas e públicos, cientistas e editores estão começando a esperar daquilo que poderemos chamar de imaginação sociológica (MILLS, 1975, p.11).

Incitar os alunos a enxergarem o mundo, o seu bairro, sua própria escola é desenvolver o papel sociológico. Nunca a curiosidade foi tão bem quista, a indagação, os porquês foram tão necessários dada a complexidade das conjunturas políticas e sociais do presente momento com insegurança, momentos de dúvidas e liquidez em que se visa à imaginação sociológica como antídoto ao oferecer entendimento. Isso, sem sombra de dúvida, facilita a aproximação entre a vida particular deles com o cenário social.

- Segundo momento cultural do tema *A trajetória do negro no Brasil e sua luta por liberdade*

Figura 8 – Apresentação cultural da segunda dupla



Fonte: Imagem editada pela pesquisadora.

A dupla, conforme imagem acima, buscou representar dois trechos das músicas: *Revolution - diplo*⁸, *Dusk till down - Zayn ft. Sia*⁹. Através da encenação e da dança, eles trabalharam dois trechos das respectivas músicas. A primeira música foi utilizada no início da apresentação, ela é bem mais agitada. Segundo relato da aluna J.C:

Então, essa primeira aqui, foi quando o Cauã e o Matheus dançaram e vinham pessoas que faziam *bullying* com ele e estavam com camisetas pretas. [...] tinham pessoas com as mãos brancas pintadas passaram as mãos nas camisetas deles e representava, muitas vezes no cotidiano, o racismo, as pessoas brancas, tentando minimizar, querendo às vezes, querendo diminuir, querendo que elas tenham atitude de pessoas brancas, querer diminuir a cor dela [...] (Jaqueline, 17 anos, 2º ano).

A letra da música não tem uma relação direta com o tema proposto, porém, através de uma interpretação acurada da letra, percebe-se que tem como falar e lutar para que o racismo seja extinto. A mensagem dela vem ao encontro da luta por igualdades de direitos e respeito entre as raças:

⁸ Disponível em <<https://www.letas.mus.br/diplo/revolution/traducao.html>>. Acesso em 20 de novembro de 2019.

⁹ Disponível em <<https://www.letas.mus.br/zayn-malik/dusk-till-dawn/traducao.html>>. Acesso em 20 de novembro de 2019.

[...] Então, não deixe roubarem sua luz
 E eh
 Não deixe quebrarem seu ritmo
 Existe luz no outro lado
 E você vai ver todas as gotas de chuva caindo lá atrás
 É uma revolução
 Faça-o hoje à noite
 É uma revolução
 É uma revo, rev[...]
 (Tradução do refrão da música *Revolution*)

A ideia dos alunos ao encaixar a letra justifica-se por enxergarem numa sociedade racista a ideia de tentar enquadrar o negro numa condição de supremacia branca. Posto isto, compreende-se que o negro não tem que se submeter a isso e, se for preciso, ele pode resistir e mudar toda esta trajetória de racismo estrutural existente na sociedade.

Já o trecho da segunda música, *Dusk till down - Zayn ft. Sai*, aborda a união e a solidariedade entre a raça negra. O trecho da música traduzida para o português afirma:

[...] Mas você nunca ficará sozinha.
 Ficarei com você do anoitecer até o amanhecer
 Ficarei com você do anoitecer até o amanhecer
 Amor, estou bem aqui
 Eu te segurarei quando tudo der errado
 Ficarei com você do anoitecer até o amanhecer
 Ficarei com você do anoitecer até o amanhecer
 Amor, estou bem aqui [...]
 (Tradução do refrão)

Dois alunos dançaram no final esta música e, para encerrar, outros alunos entraram com placas com nomes de personalidades negras que marcaram a história e a luta por igualdade: Martin Luther, King, cantores, presidentes, enfim, negros que tiveram certa expressividade na sociedade e que contribuíram com o protesto contra o racismo. Eles fecharam a apresentação com a exposição dessas placas que aludem a frases engajadas na luta contra o racismo e discriminação, como “*Diga não ao racismo*”.

3 AS METODOLOGIAS ATIVAS NA SOCIOLOGIA

Afinal, o que são as metodologias ativas? São métodos que tentam romper com o modelo de ensino tradicional e tenta se solidificar em uma pedagogia problematizadora (PAIVA *et al.*, 2016, p.01). O aluno tomará uma postura diferente, que o coloca como centro dentro destes métodos no processo do aprender. As palavras *autonomia* e *aprendizagem significativa*¹⁰ farão parte da vivência do educando, seus conhecimentos prévios serão significativos ao passo que o material pesquisado pelo discente foi utilizado para interligá-lo ao que ele já sabe com o que ele precisa aprender, sendo significativo na vida do estudante.

As metodologias ativas têm uma dependência da ação humana, que precisa das parcerias entre professores, alunos, inovando na forma de aprender.

[...] podemos conceber uma educação que pressupunha a atividade (ao contrário da passividade) por parte dos alunos. Nesse sentido, a proposta do *learning by doing* (aprender fazendo) seria um exemplo de metodologia ativa. A posição central do professor no processo de ensino(o sábio no palco) começou a ser questionada de maneira mais intensa a partir do momento em que a internet passou a disponibilizar informações e conteúdos gratuitos de qualidade, e em abundância, para qualquer pessoa interessada, criando, assim, espaço para o desenvolvimento de metodologias ativas, nas quais o aluno se torna protagonista e assume mais responsabilidade sobre seu processo de aprendizagem(e o professor se torna um guia ao lado) (MATTAR, 2017,p.21).

Ao utilizar o debate como uma metodologia de ensino, deparei-me com as metodologias ativas, dentre as quais o ABDS se encaixa por possuir as características dessas metodologias, tal como possuir atividade ativa pelo aluno; o professor tornou-se o mediador e não o detentor, transmissor de conhecimentos e o aluno teve a oportunidade de pesquisar, produzir e analisar conhecimentos que estavam disponíveis na internet e isto ajudou demais na produção de argumentos para o debate sociológico.

É necessário deixar claro que as metodologias ativas não são novas. Mas essa expressão toma certa notoriedade a partir dos anos 2000, principalmente nos cursos superiores na área da saúde. A partir daí, usa-se constantemente esta expressão. Sendo, portanto, utilizado como uma metodologia que proporciona um aluno ativo ao

¹⁰ Conceito utilizado por Ausubel (1982), cuja informação tem uma relação intrínseca com o indivíduo e esta relação propõe uma relevância para o sujeito envolvido, no qual irá fazer sentido para ele.

invés de passivo. Há pouco tempo, as ciências sociais vêm agregando o seu uso, a exemplo da sociologia.

Assim, os procedimentos de ensino são tão consideráveis quanto os conteúdos utilizados nos currículos da escola. Entende-se que “enquanto os conteúdos do ensino informam, os métodos de ensino formam” (BORDENAVE; PEREIRA, 1997, p.68). Sabe-se o quanto a teoria se faz necessária, porém, não basta. É necessário o método, a forma como foi apresentada ao aluno e como este vai agir após as descobertas e é a partir deste ponto que o discente pode transformar a realidade da qual faz parte.

As metodologias ativas são pensadas com intuito de superar as deficiências encontradas na metodologia tradicional. A primeira não pode ser classificada como homogênea, pois há diversos tipos de metodologias ativas, sendo possíveis de serem utilizadas em suas diversas opções pelos professores.

As metodologias ativas pressupõem uma aprendizagem em que na maioria das vezes busca-se engajar os estudantes no desenvolvimento de projetos ou atividades práticas (FILATRO; CAVALCANTI, 2018, p.12). Portanto, elas focam na centralidade do aluno na produção do seu próprio ensino-aprendizagem, o estudante “aprender fazendo” conforme afirma Mattar (2017, p.21) o qual aproveita este pensamento de John Dewey (1959) para quem o aluno é condicionado a trabalhar de forma ativa e em cooperação com outros sujeitos, a fim de tornarem autônomos e reflexivos sobre o que está à sua volta.

Desse modo, havia um ensino que dialogasse com a realidade dos alunos, algo que não foi possível com o ensino totalmente tradicional. Seguindo esta ideia do autor sobre o “aprender fazendo”, acredito em um resultado positivo na produção de Debates na Escola José Ni Moreira. A partir disso, o aluno é colocado no centro da aprendizagem e cada aluno teve a oportunidade de aprender com outros discentes. Além de trabalho em equipe, tiveram oportunidade de trocar experiências.

O método ABDS se apropriou muito dessa produção de conhecimento no qual o aluno a princípio foi orientado a pesquisar e produzir seus argumentos para o debate. Assim como o método aprendizagem em projetos (ABP) utiliza a pesquisa como uma ferramenta imprescindível para os seus projetos, o método ABDS não sobrevive intelectualmente sem ela.

A pesquisa é uma variante da Aprendizagem Baseado em projetos (ABP) que é um tipo de metodologia ativa. A ABP é um método de aprendizagem em que os discentes alcançam conhecimentos e habilidades durante um tempo em que realizarão investigações para encontrar respostas às questões ou problemas propostos (MATTAR, 2017). Nessas possibilidades de aprender, o professor e o aluno tornam-se sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, pois o ensinamento se tornará significativo em suas vidas. Enquanto o professor educa, o aluno também ensina-o. Todo esse percurso precisa de educadores comprometidos.

[...] ensino exige rigor metodológico; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporeidade das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento e elevação da identidade cultural (PAIVA *et. al.*, 2016, p.03).

O educador tem em suas mãos o caminho para a mudança na vida de seus educandos, porém os alunos precisam dessa aceitação de trocas de experiências. Indubitavelmente, a relação de interesses em comum será importantíssima no que diz respeito a um ensino libertador. O aluno encontrará através da pesquisa uma oportunidade de sair da visão sintética para uma analítica sobre o meio em que vive.

O uso das metodologias ativas é bastante tímido ainda na educação básica segundo Paiva *et. al.* (2016, p.06). Este autor fez uma revisão bibliográfica com dez artigos sobre a temática e nos mostra que sua utilização ocorre mais na área da saúde nos cursos superiores. Em síntese, existem diversas formas de metodologias ativas para o ensino-aprendizagem e conseguir classificar o debate em uma delas é importantíssimo para a disciplina de sociologia.

No quadro abaixo, exponho alguns tipos de metodologias.

Quadro 8: Metodologias ativas

Tipos	Referências
Aprendizagem baseada em problemas (ABP)	Paiva <i>et al.</i> (2016, p.150)
Pedagogia da problematização	Paiva <i>et al.</i> (2016, p.150)
Problematização: Arco de Margueres	Paiva <i>et al.</i> (2016, p.150)
Estudos de caso	Paiva <i>et al.</i> (2016, p.150)
Grupos reflexivos e grupos interdisciplinares	Paiva <i>et al.</i> (2016, p.150)

Exercícios em grupo	Paiva <i>et al.</i> (2016,p.150)
Seminários	Paiva <i>et al.</i> (2016,p.150)
Socialização	Paiva <i>et al.</i> (2016,p.150)
Plenárias	Paiva <i>et al.</i> (2016,p.150)
Exposições dialogadas	Paiva <i>et al.</i> (2016,p.150)
Debates temáticos	Paiva <i>et al.</i> (2016,p.150)
Interpretações musicais	Paiva <i>et al.</i> (2016,p.150)
Dramatizações	Paiva <i>et al.</i> (2016,p.150)
Dinâmicas lúdico-pedagógicas	Paiva <i>et al.</i> (2016,p.150)
Aprendizagem baseada em projetos	Bender (2012,p.9)
Sala de aula Investida	Bergmann; Aaron (2019, p.04)

Fonte: autoria do pesquisador

Em consonância com as metodologias dispostas no quadro acima, os debates enquanto método aproximam-se do método “Aprendizagem baseada em Projetos”, respeitando as especificidades do debate as quais serão aprofundadas mais à frente.

3.1 Relação entre o debate sociológico e a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP)

Quando iniciei com a metodologia de ensino “Debate sociológico” não tinha a menor ideia que existiam diversos tipos de metodologias ativas, tampouco pensava que este método poderia se encaixar no rol dessas variedades de metodologias. Entretanto, sem perceber, sempre fui adepta de técnicas que convertem o aluno em ativo (BENDER, 2014, p. 126) e o professor transforma-se em orientador/facilitador das ações propostas (BENDER, 2014, p.48; 107). Por intermédios dessas mudanças, os educandos tornam-se protagonistas no ensino. Isso ocorre porque ele é exposto ao desenvolvimento de habilidades e ao mesmo tempo de competências imprescindíveis para a criação de uma educação emancipatória e autônoma para o crescimento intelectual e social deles.

Perante todas as informações aludidas, busquei fazer leituras mais aprofundadas sobre as metodologias ativas, dentre elas a *Aprendizagem baseada em projetos* (BENDER, 2012) e *A sala de Aula Invertida* (BERGMAN; AARON 2019), como também *Metodologia ativa* (MATTAR, 2017) e *Metodologias inov-ativas*

(FILANTRO; CAVALCANTI, 2018). Essas leituras estruturaram minha intervenção pedagógica quando optei pelo Debate Sociológico, subsidiando na identificação do método de debates tal como foi estruturado se aproximando do método *Aprendizagem baseada em projetos*, o ABP.

Bender (2014, p. 09) conceitua o método acima citado como “[...] um modelo de ensino que consiste em permitir que os alunos confrontem as questões e os problemas do mundo real que consideram significativos, determinando como abordá-los e, então, agindo cooperativamente em busca de soluções”. Esta metodologia é importante para ser trabalhada na escola a fim de promover uma contribuição mais significativa e agregadora na vida estudantil.

Este método não é novo, sendo utilizado desde o início do século XX, principalmente nos cursos superiores. Segundo Bender (2014, p.16), “ao longo dos anos, muitos outros termos foram usados para essa abordagem de ensino, incluindo aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem investigativa e aprendizagem autêntica”. Ele ressalta que abordagem de ensino permanece a mesma em que os discentes buscam encontrar e resolver problemas do mundo real. Alguns termos do ABP que os educadores precisam saber e identificar segue abaixo o quadro.

Quadro 9: Termos da ABP

Termo	Significado
Âncora	É a base para perguntar. Uma âncora serve para fundamentar o ensino em um cenário do mundo real [...].
Artefatos	São itens criados ao longo da execução de um projeto e que representam possíveis soluções ou aspectos da solução para o problema [...]
Desempenho autêntico	Representa a ênfase de que a aprendizagem resultante desses projetos deveria se originar de cenário do mundo real e representar os tipos de coisas que se espera que os adultos façam no mundo real.
Brainstorming	O processo de <i>brainstorming</i> pelo qual os alunos passam para formular um plano para tarefas de projeto é semelhante a outras atividades de brainstorming, em que a meta é produzir o máximo possível de ideias para a resolução de tarefas sem descartar, inicialmente, nenhuma delas[...].
Questão motriz	É a questão principal, que fornece a tarefa geral ou a metade declarada para o projeto da ABP. Ela deve ser explicitada de maneira clara e ser altamente motivadora; deve ser algo que os alunos considerem significativo e que despertem sua paixão.

Aprendizagem expedicionária	É uma forma de aprendizagem baseada em projetos que envolve a realização de viagens ou expedições reais para várias localizações na comunidade relacionada ao projeto em si.
Voz e escolha do aluno	Essa expressão é usada para representar o fato de que os alunos devem ter algum poder de decisão (alguns proponentes da ABP diriam que eles devem ter o poder exclusivas de decisão) sobre a escolha do projeto e a especificação da questão fundamental.
Web 2.0	Recentemente, o termo web 2.0 passou a ser usado para mostrar que a instrução baseada nas tecnologias já foi muito além do mero acesso às informações pela internet [...]

Fonte: Bender (2014, p.17) – texto modificado pela pesquisadora.

Para a produção de ABP é necessária a utilização desses termos. O primeiro utilizado é *âncora* em que pode ser realizada uma pergunta ao que se vai pesquisar; já os *artefatos* são aproveitados como se fossem um produto da pesquisa, tal como um relatório ou vídeos, portfólios, podcasts, websites, poemas, músicas, etc.; o *desempenho autêntico* deve nortear o que acontece no mundo real.

O *Brainstorming* seria produzir o máximo de ideias para a resolução dos problemas que possam surgir; A *questão motriz* norteia algo que possa ser interessante e significativo para os estudantes; a *Aprendizagem expedicionária* é justamente a realização de viagens e expedições reais para locais determinados; *voz e escolha do aluno* é o poder de escolha, assim como de decisão sobre o projeto. Por último, o termo *web 2.0* está muito conectado à ideia dos alunos se apropriarem das tecnologias e utilizarem os aplicativos atuais para ajudá-los na resolução de problemas.

3.2 Semelhanças entre o ABP e o ABDS

Mediante tudo o que foi anteriormente exposto, criei um quadro que possibilita a comparação entre as características do Método ABP, segundo Bender (2014) e o método criado, ora exposto, chamado de ABDS, de acordo com os alunos participantes da experiência.

QUADRO 10: semelhanças/diferenças dos métodos ABP e ABDS

ABP	ABDS (segundo trechos das entrevistas com os
-----	--

	alunos participantes)
Estimula o aluno (BENDER, 2014, p.11);	Estimula o aluno (Entrevista, aluno Felipe, 2019);
Envolve os alunos (BENDER, 2014, p.15);	Espaço para o aluno falar (Entrevista, 2019, aluna Sâmia);
Empolgante e inovador (BENDER,2014, p.15);	Inovação (entrevista, 2019, aluna Loiane);
Motivação (BENDER, 2014, p.15);	Gratificante (Entrevista, 2019, Emanuelle);
Cooperação (BENDER, 2014, p.15);	Produtiva (Entrevista, 2019, aluna Sâmia) ;
Trabalhar em equipe (BENDER, 2014, p.16);	Proporcionou trabalho em grupo entre os alunos. (Entrevista, 2019, aluna Loiane);
Habilidades colaborativas (BENDER, 2013, p.16)	Autonomia;
Pesquisa (BENDER, 2014, p.25);	Pesquisa (entrevista, 2019, aluno Luca Paulo);
Criatividade (BENDER, 2014, p.74);	Desperta a criatividade (Entrevista, 2019, aluno Felipe);
Aluno ativo (BENDER, 2014, p. 126);	Inversão de papéis (Entrevista, 2019, Emanuelle);
Resolução de problemas e habilidade em tecnologias (BENDER, 2014, p.10);	Expansão de conhecimento (Entrevista, 2019, aluna Jaqueline);
Aprendizagem centrada no aluno (BENDER,2014, p.25);	Aluno ser o centro da aprendizagem (Entrevista, 2019, Loiane);
Pensar de maneira crítica (BENDER, 2014, p.74).	Visão crítica (Entrevista, 2019, Lucas Paulo);
-----	Perda da timidez (Entrevista, 2019, Sant.);
-----	Melhora a argumentação (Entrevista, 2019, FA).

Nota-se que há muita semelhança no que cada método propõe para o aluno, mas duas características do ABDS chamam muita atenção: a perda de timidez e a melhora na argumentação. Estas duas, todavia, não são citadas explicitamente no ABP.

Sobre a perda de timidez a aluna Ana Luísa afirma: “perdi o medo de me expressar em público”, assim como a Santiago relata: “A contribuição do debate foi essencial pra melhoraria de comunicação que eu quase não tinha na sala”. Outros educandos relatam:

No início eu sentia uma grande dificuldade de me comunicar em público, mesmo que ele fosse muito pequeno, e a partir do momento em que começamos a realizar os debates em sala de aula, isso nos ajudou a superarmos essa dificuldade aos poucos (Felipe, 17, 3º ano).

[...] eu era tímido, o debate quebrou uma parte dessa timidez e me fez pensar o seguinte: "como posso fazer para acabar com a timidez por completo?" e então acabei com minha timidez (Santiago, 16,2º).

São evidentes os benefícios que os debates propõem e um deles é a perda de timidez, alunos que “mal abriam a boca” começaram a questionar, a se posicionar sobre diversos assuntos discutidos. A confiança em si foi possível mediante o ABDS e isso é muito significativo para o professor que vivenciou na pele a timidez durante toda a vida escolar. Outro fator preponderante e de suma importância é enfatizar a argumentação. Ela se faz importante no momento dos discursos, durante o debate, pelos alunos. De acordo com o aluno Felipe (2º ano, 16 anos), “estimula o aluno a estudar o conteúdo do debate, para esta na outra aula pronta para argumentar, desse modo, vemos que é uma técnica bem eficiente”.

Desde os tempos mais antigos, a argumentação tornou-se um objeto de estudo para muitas áreas que tinham a necessidade de utilizar a fala e a escrita de forma persuasiva. A argumentação significa muito para as sociedades que utilizam os meios de comunicação como principais influenciadores. Grosso modo, o uso da argumentação tem o papel basicamente de convencer certas pessoas sobre seu posicionamento perante algo.

Durante os debates, os discentes utilizaram muito a argumentação fazendo menção de citações de pessoas consagradas como estudiosas do assunto discutido, mencionando as ideias propostas e por fim formulando suas próprias hipóteses.

3.3 A pesquisa como metodologia ativa nas aulas de sociologia no ensino médio

A pesquisa como uma metodologia de ensino ainda é pouco explorada no Ensino Médio e na maioria das vezes é mal aplicada. Logo, a ideia que o discente tem é a de que o professor, ao lançar a produção de uma pesquisa, prontamente, os alunos irão à *internet* copiar o assunto e colar; findo, a pesquisa está feita.

Ao utilizar a pesquisa como um dispositivo didático, há quebra de paradigmas dentro da metodologia tradicional as quais as escolas adotam. Consequentemente, o professor desta metodologia é o detentor de conhecimento, enquanto os alunos recebem os conteúdos. A esta forma de metodologia Paulo Freire chamava de “educação bancária”. No entanto, a partir do momento em que o professor se

colocar como mediador ou facilitador na construção de pesquisa surgem características de metodologias ativas. Desse modo, existe a produção e aplicação do Método ABDS na Escola Liceu de Tianguá como uma metodologia ativa.

Esta proposta metodológica foi de grande utilidade para sociologia, na produção de conhecimentos científicos rigorosos, baseados em dados verificáveis (BORDIEU, 1983). Esta relação da pesquisa e Ensino conecta o aluno com uma melhor aptidão na construção de sapiência dos mesmos. A pesquisa ao ser transformada num hábito rotineiro na vida escolar dos alunos impulsiona neles a importância deste dispositivo na Educação Básica, sobretudo nas aulas de Sociologia.

É claro que o desafio é enorme até porque temos três pontos críticos a se analisar. O primeiro a ser pontuado é a fragilidade de pesquisa produzida pelos alunos no Ensino Regular. O outro é a desvalorização da disciplina que ainda é uma sombra que nos acompanha. E por último, temos ainda uma péssima formação das licenciaturas no país. O grande desafio é criar estratégia para que haja uma parceria entre a produção de trabalho científico nas aulas de sociologia. Porém, como fazer isto, se o tempo de 50 minutos não contribui para a prática de investigação científica? A formação nas licenciaturas incentiva a produção de trabalhos na Educação Básica? O Currículo no Ensino Médio dá suporte para o desenvolvimento de produção nessa magnitude?

Um dos primeiros desafios a ser superado é mudar o estágio que se encontra no “sistema de ensino no Brasil para a aprendizagem”, como ressalta Demo (2016). Até porque nas escolas brasileiras, o foco para o aluno é somente aprender, assistir à aula, memorizar conteúdo, prova e não no aprendizado que exige o senso crítico e a construção de produções com base científica.

Este aspecto me remete a pensar sobre a importância para o ensino dos ‘saberes sociais’, propostos por Tardiff (2012, p.02), que seriam “o conjunto de saberes de que dispõe uma sociedade[...]”. Na educação, os saberes são elaborados socialmente, enquanto os saberes são impulsionados pelos docentes quando possuem e transmitem.

Tais saberes podem ser trabalhados voltados para a abordagem da ciência; neste sentido, os saberes sociais podem ser transformados em saberes escolares através da pesquisa, na Sociologia, entretanto, não há um investimento mais

aprofundado neste dispositivo nas Escolas Públicas, principalmente na Escola em que leciono.

Para que isso ocorra é necessária uma compreensão a mais sobre o que é pesquisar, uma vez que é um componente muito relevante na relação dos educandos com o meio em que se encontram. Para os discentes que estão tendo este contato mais intenso no Ensino Médio com a pesquisa, tornam-se relevantes os estudos através “dos conceitos, de temas ou de teorias” (OCNS, 2006, p.126).

Enquanto instrumento, a pesquisa é imprescindível na compreensão e pode ser empregada para explicação dos fenômenos sociais desde que os discentes e também os docentes tenham ideia da importância do que seja pesquisar. Desse modo, as OCN ressaltam que “não se pode reduzir essa abordagem a coletar informações em jornais e revistas sobre esta ou aquela temática, pois é necessário fundamentar o debate em bases teóricas e construir um discurso sobre os temas com bases conceituais rigorosas” (BRASIL, 2006, p.121). Nesse sentido, os temas fazem-se importantes, pois ao adequá-los à realidade do aluno, pode-se fazer uma articulação com conceitos e teorias.

Entretanto, para que isso aconteça é necessário que o professor tenha conhecimento sobre o meio do qual faz parte o aluno. Em vista disso, o professor ao utilizar esse pressuposto metodológico não pode isolá-lo já que isso acarretaria dano ao processo de pesquisa do discente posto que se faz necessário o uso tanto dos conceitos como também das teorias. Estas, por sua vez, têm um papel preponderante no que diz respeito à compreensão de uma teoria mais geral. Para as OCN, no pensamento sociológico, as teorias:

Podem ser abordadas segundo denominações convencionais embora nem sempre essas nomeações sejam muito esclarecedoras ou façam justiça aos seus membros “integrados”: teoria funcionalista, teoria marxista, teoria compreensiva, teoria fenomenológica, teoria estruturalistas, teoria dialética, etc. (BRASIL, 2006, p.125).

Ao perceber as diversas teorias propostas, faz-se urgente conhecer também os temas que cada teoria aborda e como autores se relacionam a partir de seus conceitos. Por fim, elas são importantes para serem trabalhadas em parceria com temas e conceitos visto que os três estão interligados na construção do pensamento sociológico. Assim, as teorias enquadram-se como um recorte que propiciará ao

aluno conhecer a diversidade do pensamento sociológico e sua adequação à realidade social.

O grande desafio é ter o poder de sinopse e não cair na tentação de transpor o conhecimento sociológico como se estivesse na Academia. Para isso, torna-se interessante lançar mão da pesquisa para que os alunos consigam ver sentido da teoria na prática. De acordo com as OCN (BRASIL, 2006, p. 125), “a pesquisa deve estar nos três recortes [...]”. A referência é feita aos temas, conceitos e teorias. Dessa maneira, a pesquisa servirá como um componente necessário à construção de um nexos entre o alunado e o meio ao qual pertence e não facultando o conhecimento científico com o qual está tendo contato.

As OCN (BRASIL, 2006, p.126) ressaltam o cuidado que o professor terá que ter, pois não é somente mandar ou pedir aos alunos para pesquisarem de qualquer jeito. E ainda, segundo as OCN, para se fazer pesquisa é necessário:

Que o professor explique o que é uma pesquisa sociológica, os padrões mínimos de procedimentos que devem ser utilizados, os cuidados que devem ser tomados, enfim, passos e procedimentos objetivos para que o resultado dela possa ser de alguma valia no entendimento do fenômeno a ser observado (BRASIL, 2006, p.126).

Nessa situação, nota-se a reponsabilidade que o professor tem sobre todo o processo a ser tomado. Caso as orientações não sejam fornecidas aos alunos de forma adequada, dificilmente se constroem conhecimentos científicos, e sim textos sem caráter científico. Posto isso, percebe-se a missão que o professor carrega na sua bagagem e a incumbência de transmitir durante o Ensino Médio é trabalhar com uma disciplina que tem uma duração de 50 minutos por turma, com encontros semanais.

Por outro lado, pensar de forma utópica a existência de mais tempo destinado à aula seria algo bastante positivo, pois proporcionaria um investimento a mais na construção de uma imaginação sociológica. Desse modo, o uso da pesquisa pode se classificar das seguintes maneiras: Conforme a pesquisa se apresenta nas OCN (BRASIL, 2006), como um princípio pedagógico na produção de conhecimento sociológico na educação básica. Assim sendo, não diferente com o que é lançado pelas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (OLIVEIRA, 2014).

Para suscitar ainda mais a discussão a respeito da pesquisa no Ensino Médio, é importante identificar na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) a pesquisa

como um elemento de extrema importância para a aprendizagem dos discentes. A BNCC é amparada pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases, lei de nº 9394/96.

De modo que a atual BNCC, enquanto documento normativo para as escolas brasileiras, possibilita a construção de uma abordagem de como o aprendizado deve acontecer, deixando a cargo dos Estados a produção do currículo, assim como de conhecimento para cada componente. O grande problema é se a sociologia não tiver essa garantia de acesso ao conhecimento científico. Consoante a BNCC, para garantir as aprendizagens essenciais definidas para a área de ciências humanas e sociais aplicadas “[...] é imprescindível que os jovens aprendam a provocar suas consciências para a descoberta da transitoriedade do conhecimento, para a crítica e para a busca constante da ética em toda a ação social” (BRASIL, 2017, p. 571).

Mediante a importância da pesquisa no Ensino e particularmente nas aulas de sociologia, além dos documentos normativos, seguem alguns autores que mostram a necessidade de utilizar a pesquisa como uma ferramenta de ensino.

Holanda (2015) propõe a pesquisa como ferramenta de ensino para a educação básica. A palavra *ferramenta* para a autora significa ‘possibilidades diversas na construção do saber’. Ela cita a importância da pergunta no processo de pesquisa, pois a essência do pesquisar encontra-se no perguntar. Assim, a pesquisa ativa é a principal estratégia de ensino nas salas de aula da educação básica. Já Bagno (2014, p. 17) apresenta a pesquisa como de fundamental e indispensável na vida escolar dos alunos, portanto pesquisa para o autor significa “procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca”.

Demo (2009) propõe a pesquisa como princípio educativo, através do qual o aluno cria o hábito de estudar e se torna autor de suas próprias pesquisas, isto explicita que para conhecer algo precisa questionar. Já para Freire (2009), a pesquisa acontece também quando se busca, indaga e constata, desse modo, podendo intervir: “pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 2009, p. 31).

Logo, para os autores supracitados a pesquisa é uma das principais estratégias didáticas para a construção de saberes pelos alunos. Nota-se que uma pesquisa que conduz o aluno ao papel de ativo, assim como o professor para o papel de

pesquisador, garante o bom funcionamento do processo. Depreende-se que a pesquisa torna o aluno ativo no ensino e acontece quando existe uma parceria entre aluno e professor.

Destarte, a pesquisa não deve ser tratada ou ensinada de qualquer jeito, até porque se exige método. Dentro desta ideia, o aluno tem que se posicionar como um questionador de sua educação e o papel do professor é ser um mediador nesse processo. O educador deve reconhecer os saberes que os alunos possuem, através de sua história de vida, incitando a sobrelevação dos conhecimentos. Isto vai acontecer pelo intermédio da curiosidade que motiva o aluno à imaginação, a questionamentos, à investigação, obtendo uma explicação gnosiológica.

Demo lança em sua proposta de educar pela pesquisa a presença de quatro pressupostos:

- A convicção de que a educação pela pesquisa é a especificidade mais própria da educação escolar e acadêmica,
- O reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa,
- A necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno,
- E a definição de educação como processo de formação da competência histórica humana (DEMO, 2007, p. 05).

É de suma importância à existência da troca de informações experiências entre a universidade e a escola pública, as licenciaturas precisam muito disso. Um desses exemplos é o PIBID, programa este que condiciona uma comutação entre a escola e a universidade e a pesquisa sendo utilizada entre ambas. Se não ocorrer este elo, não haverá professor pesquisador nem alunos sujeitos, e sim objetos dos dois lados. O conhecimento precisa sempre ser inovado e renovado não é à toa que Demo (2007, p. 07) provoca: “onde não aparece questionamento reconstrutivo não emerge a propriedade educativa escolar” até porque a passividade não busca uma reflexão sobre determinado assunto“. Portanto, é preferível aluno “ativo” a passivo”.

Nas aulas de Sociologia, quando propunha uma aula em que os discentes têm a oportunidade de serem “ativos”, é nítida a fluidez da aula. A exemplo disso, alunos de segundos anos ficam empolgados no momento em que sugiro um debate, em que as equipes provocam as outras com perguntas sobre o tema proposto. Isso ocorre com antecedência, motivando uma pesquisa sobre o assunto a ser debatido, claro.

Fazer da pesquisa algo rotineiro é quebrar uma barreira existente entre essa ideia de decorar, de memorizar e de apenas copiar, até porque pretendemos tornar o aluno um ser “copiador” ou um produtivo? É obvio que a competência para se produzir conhecimento científico não é tão fácil e, principalmente, quando se observa toda a construção da educação brasileira, são perceptíveis as brechas, principalmente na formação de professores ao longo da história e que foram sendo deixadas até o momento atual.

Por isso, é um desafio para o professor, mesmo diante de tanta falha estrutural conseguir realizar esta missão com afinco. O professor conseguir do discente uma interpretação da diferença existente entre conhecimento científico e senso comum e consequentemente o educando fazer sua própria produção vai ser um feito para a educação.

3.4 A pesquisa no livro didático *Sociologia em movimento*

O livro didático é de extrema importância para o ensino do educando, visto que proporciona uma dinâmica a mais entre o professor e aluno, não deixando de lado o quanto ele é necessário para o professor. O grande desafio relacionado ao livro didático é conseguir transpor teorias sociológicas que os discentes possam compreender.

O livro didático adotado na Escola Liceu de Tianguá é “Sociologia em Movimento”, ele foi escrito em parceria com 17 autores (Silva *et al.*, 2016) e foi publicado pela Editora Moderna, contendo 512 páginas, referente ao livro do professor. Possui 15 capítulos. Ao final de cada capítulo, há as atividades para serem resolvidas pelos discentes e um dos itens dão ênfase à pesquisa denominado de “questões para pesquisa”. Desse modo, a pesquisa é:

Fundamental para a realização dos objetivos do ensino de sociologia, já que coloca os estudantes em contato com uma prática profissional no campo das ciências humanas, ao mesmo tempo em que envolve a construção de um olhar sociológico por meio da análise metódica dos fenômenos sociais. A pesquisa também propicia mais uma experiência de trabalho em grupo e de construção da autonomia para a realização de tarefas que vão além dos muros da escola (SILVA, et al. 2016, p. 409).

Não se pode desvincular a Sociologia da pesquisa, há os diversos desafios para que as duas possam se conectar, por isso que há necessidade da tentativa de produção de conhecimentos sociológicos no Ensino Básico. Portanto este livro didático busca trabalhar a pesquisa metodológica e a informativa, elas se encontram interligadas. Segue a definição de cada uma delas:

A pesquisa metodológica é aquela que propõe a utilização de ferramentas metodológicas das ciências sociais explicitando seus fundamentos, tais como: questionários, entrevistas, pesquisas de opinião, ou seja, a que mais se aproxima dos recursos metodológicos da pesquisa sociológica; e a pesquisa informativa é aquela que se direciona no sentido de buscar por informações em sites da internet, dicionários, livros, rótulos de produtos, charges, filmes, músicas, etc. podendo ter maior ou menor grau de especificação dos procedimentos a serem adotados (OLIVEIRA; CIGALES, 2015, p.284).

A pesquisa metodológica é a mais desafiadora se comparada com a informativa. Na produção de Debates Sociológicos foi mostrada a realização mais de pesquisas informativas. Os alunos utilizaram muito a *internet*, fizeram pesquisas em textos, artigos, debates e palestras sobre o assunto proposto. Através das pesquisas espera-se que os alunos possam elaborar hipótese e argumentos a partir do contato com sites confiáveis e sólidos. Este é um passo importante para o amadurecimento intelectual de produção científica.

A experiência com o debate trouxe uma importância muito grande para o uso da pesquisa nas aulas, pois nos encontramos com um sistema educacional muito fragilizado, mas nem por isso foi deixada de lado a utilização da pesquisa com um componente metodológico na produção de debates. O desafio que segue após a realização desta intervenção é investir na pesquisa metodológica, ela requer mais tempo do professor e do aluno, nos usos de teorias sociológicas mais aprofundadas. A ideia é que os alunos possam se adaptar a este método e amadurecer intelectualmente a cada processo do método.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado trouxe um resgate de estudos sobre pesquisa no Ensino Médio, demonstrando a seriedade e carência na produção de pesquisa na educação básica. Foi possível, portanto, evidenciar a eficácia da produção de pesquisa sociológica a partir da intervenção pedagógica ora apresentada com o método de Aprendizagem Baseada em Debate Sociológico, proporcionando uma produção coletiva de conhecimentos na instituição José Ni Moreira.

Assim também os demais objetivos propostos foram alcançados uma vez que tanto os documentos normativos como a funcionalidade da pesquisa no espaço escolar foram demonstrados por meio deste trabalho ao analisarmos a institucionalização da sociologia no Ensino Médio enquanto disciplina obrigatória e a Introdução da pesquisa sociológica na sala de aula.

A intervenção foi executada e os desafios e limitações que a permearam foram identificados e expostos no corpo deste texto, fato que somente corrobora para o caráter essencial da pesquisa na produção de debates sociológicos, comprovando a hipótese apresentada na introdução: a pesquisa como metodologia ativa no ensino médio precisa de elemento agregador – o debate - capaz de fomentar o interesse dos alunos em produzir conhecimento; estes, por sua vez, mostraram-se ativos na produção de pesquisa, principalmente quando em grupo, fortalecendo as trocas de conhecimentos, experiências e, por último, a exposição das análises por meio dos discursos construídos.

Uma problemática que persiste, mesmo em face de uma metodologia dinâmica como a que fora descrita, é o alcance das atividades, por abranger um grupo majoritário de alunos, fato que corrobora com um dos motes desta pesquisa: a ausência de estímulo, inclusive financeiro, à pesquisa na Educação Básica. Outras demandas foram identificadas no decorrer da execução de cada passo, como o tempo destinado limitado, quase sempre, às aulas de sociologia com duração de 50 minutos a serem distribuídos na organização da intervenção; há também a dificuldade de escrita de textos autorais dos estudantes e a falta de apoio à Área de Ciências Humanas, não pela gestão da escola, mas a nível estrutural, como também a falta de estímulo à formação de professores pesquisadores atuantes nas escolas,

os quais são imprescindíveis para atuarem na superação da lacuna construída historicamente na educação.

Por fim, ressalta-se que este trabalho almeja em meio científico instigar outras produções dentro da temática proposta para que mais pesquisas sejam produzidas com fito de melhorar o espaço escolar, intensificando a produção de ciência na escola, promovendo uma cultura de pesquisadores na área de Humanas. Depreende-se que este trabalho corrobora com a Educação Básica ao acrescentar metodologias exequíveis e significativas. Produzir ciência na escola é necessário para que os 'achismos' sejam erradicados das escolas ao passo que a ciência cresça e a sociedade possa ser pensada e analisada com um microscópio da ciência.

REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-57931/>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.

AFRANIO, *et al.* **Sociologia em movimento**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 2016.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

ANDRADE, M. **O empalhador de passarinho**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

A PESQUISA CIENTIFICA EM SALA DE AULA COMO PRATICA DE APRENDIZAGEM, INOVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL. Ministério da Educação. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-medio/118-a-pesquisa-cientifica-em-sala-de-aula-como-pratica-de-aprendizagem-inovacao-e-transformacao-social?highlight=WyJwcm9jZXNzbyIsImRlliwicHJvZHVcdTAwZTdcdTAwZTNvliwicHJvY2Vzc28qZGUlLCJwcm9jZXNzbyBkZSBwcm9kdVx1MDBIN1x1MDBIM28iLCJkZSBwcm9kdVx1MDBIN1x1MDBIM28iXQ>>. Acesso em 08 de agosto de 2020.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2ª ed., 2006.

BENDER, Willian. **Aprendizagem baseada em projetos: Educação diferenciada para o século XXI**. Porto Alegre: Penso, 2014.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de Ensino-Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 17ª ed., 1997.

BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J.-C. **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BORDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, editora. Marco zero, 208p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 09 de setembro de 2020.

_____. **Lei nº 9.394 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

CAMPOS, Maria Malta. **Para que serve a pesquisa em educação?** Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010015742009000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 12 de setembro de 2020.

CARVALHO, Leujene Mato Grosso Xavier de. A trajetória de luta pela introdução da Disciplina de Sociologia no Ensino Médio no Brasil. *In*: CARVALHO, Leujene Mato Grosso de (org). **Sociologia e Ensino em Debate: Experiências e Discussão de Sociologia no Ensino Médio**. Rio Grande do Sul: Unijuí, p. 17-59, 2004.

CRIATIVOS DA ESCOLA (SITE). Disponível em <<https://criativosdaescola.com.br/>>. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

DEBATE. Dicionário on-line. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/debate/>>. Acesso em 09 de março de 2020.

DEMO, P. **Atividades de Aprendizagem – Sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante**. Campo Grande: SED, 2018. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/1FKskDCxNB422PVhrjDjD48S4cjsb77-/view>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2020.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. 3 ed. S. Paulo: Nacional, 1959

Exame Nacional do Ensino Médio. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791#:~:text=Criado%20em%201998%2C%20o%20Exame,ensino%20m%C3%A9dio%20em%20anos%20anteriores>>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

FILATRO, Andrea; CAVALCANTTI, Carolina Costa. **Metodologia Inov- ativas presencial, a distância e corporativa**. São Paulo: Saraiva Educação, 1ª ed., 2018

FONTANELLA, Fernando. **O que vem de baixo nos atinge: intertextualidade, reconhecimento e prazer na cultura digital trash**. Curitiba: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em <<http://intercom.org.br/premios/2009/Fontanella.pdf>>. Acesso em dezembro de 2019.

_____. **O que é um meme na Internet? Proposta para uma problemática da memesfera**. São Paulo: III Simpósio Nacional da ABCiber, 2009. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/48077247/O-que-e-um-meme-na-Internet-ABCiber-2009>>. Acesso em fevereiro de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **A Importância Do Ato De Ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HOLANDA, L. C. **A Pesquisa como ferramenta para o Ensino de Sociologia no Ensino Médio.** (Dissertação) Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2015.

LEÃO, Denise Maria Maciel. **Paradigmas Contemporâneos de Educação: escola tradicional e escola construtivista.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>>. Acesso em 23 de outubro de 2019.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** Rio de Janeiro: EPU, 2ª ed., 2018.

MARTINS, Jorge Santos. **O trabalho com projeto de pesquisa: do ensino fundamental ao Médio.** Campinas: Papirus, 2001.

MATTAR, João. **Metodologias Ativas: para a educação presencial, blended e à distância.** São Paulo: Artesanato Educacional, 1ª ed., 2017.

METODOLOGIA DE ENSINO: APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS (PBL). Disponível em <<http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/7/artigos/104325.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2019.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica.** Tradução de Walternsir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2ª ed., 1969.

MIRANDA, Luciana Lobo *et al.* **Pesquisando com jovens na escola: desafio da pesquisa- intervenção em dois contextos escolares.** Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v20n2/2175-3539-pee-20-02-00245.pdf>>. Acesso em 11 de setembro de 2020.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo; RAMOS, Maurivan G. **Pesquisa em sala: fundamentos e pressupostos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/327117716_Pesquisa_em_sala_de_aula_Fundamentos_e_pressupostos>. Acesso em agosto de 2019.

NININ, Maria Otília Guimarães. **Pesquisa na Escola: Que espaço é esse? O de conteúdo ou do pensamento crítico?** Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/edur/n48/a02n48.pdf>>. Acesso em 10 de setembro de 2020.

OLIVEIRA, A. O ensino de Sociologia e as novas DCNEM. In: PELIZZRI, Adriana *et al.* **Teoria da Aprendizagem significativa segundo Ausubel.** 2001. Disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>>. Acesso em 3 de dezembro de 2020.

OLIVEIRA, A.; CIGALES, M.P. 2015. A pesquisa como princípio pedagógico no ensino de Sociologia: uma análise a partir dos livros selecionados no PNLD 2015. Ciências Sociais Unisinos.

OLIVEIRA, Antonella Carvalho de. **Classificações de finalidade em pesquisa acadêmica.** Antena editora, 2019. Disponível em <<https://www.atenaeditora.com.br/blog/classificacoes-de-finalidade-em-pesquisa->

[academica/#:~:text=Pode%20ser%20dividida%20em%20pesquisa.com%20valia%20em%20estudos%20pr%C3%A1ticos>](#). Acesso em 12 de dezembro 2019

OLIVEIRA, Natália Braga de. **A imaginação sociológica em sala**. Disponível em <http://www.salesianoniteroi.com.br/RO/destaques/documentos/anexos_71/sociol.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2019.

ONÓRIO, A. **O Procedimento Didático do Ensino com Pesquisa na Sala de Aula no Ensino Médio**. (Dissertação) Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2006.

O QUE É PLACA DE E.V.A. Disponível em <<https://www.eurekaeva.com.br/artigos/o-que-e-placa-de-e-v-a#:~:text=A%20sigla%20E.V.A.,artistas%2C%20artes%C3%A3o%2C%20entre%20outros>>. Acesso em 19 de maio de 2020.

PAIM, Rodrigo; SANTOS, Sebastião. Nunca estudei e nunca gostei: O desafio de quebrar os preconceitos sobre o ensino de Sociologia. *In*: Oliveira, Maria Adélia Fernandes de; RIBEIRO, Miglievich(org.). **A Sociologia vai à escola: História, Ensino e Docência**. Rio de Janeiro: Quartet, p.125-137, 2009.

PAIN, Rodrigo de Souza. **O ensino da sociologia no Brasil: considerações sobre a OCN-sociologia e a formação docente**. Emblemas, v. 10, n. 1, 2013. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/29207>>. Acesso 09 de novembro de 2019.

SANTOS, Mário Bispo dos. **A Sociologia no Ensino Médio: O que pensam os professores da Rede Pública do Distrito Federal**. (Dissertação) Brasília: Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Área de Ciencia, Tecnologia e Sociedade, 2002.

SCOCUGLIA, A. C. Caldeira. **Paulo Freire e a pedagogia da pesquisa**. Revista EJA em debate, ano 3, n. 4, 2014. Disponível em <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1499/pdf>>. Acesso em 06 de dezembro de 2019.

SPAECE. Disponível em <<https://www.seduc.ce.gov.br/spaace/>>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis; vozes, 2002.

TEIXEIRA, Marlene P.V; MACHADO, Rosa Maria. **Conceito de Bairro- unidade popular ou técnica?** Anuário do Instituto de Geociências (UFRJ), 1986. Disponível em <http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1986/vol_10_66_71.pdf>. Acesso em 11 de outubro de 2020.

THIOLENT, M. **Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis 1980.

TOMAZZI, Nelson Dacio. **Conversa sobre Orientações Curriculares Nacionais (OCNs)**. Natal: Revista Cronos (UFRN), v.8, n.2, jul/dez, 2007.